2

A Era da Inocência (o mito)

“A serpente era o mais astuto de todos os animais dos campos, que Iahweh tinha feito. Ela disse à mulher: ‘Então Deus disse: Vós não podeis comer de todas as árvores do jardim?’ A mulher respondeu à serpente: ‘Nós podemos comer do fruto das árvores do jardim. Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: Dele não comereis, nele não tocareis, sob pena de morte.’ A serpente disse então à mulher: ‘Não morrereis! Mas Deus sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão e vós sereis como deuses, versados no bem e no mal.’ A mulher viu que a árvore era boa ao apetite e formosa à vista, e que essa árvore era desejável para adquirir discernimento. Tomou-lhe do fruto e comeu. Deu-o também ao seu marido, que com ela estava, e ele comeu. Então abriram-se os olhos dos dois e perceberam que estavam nus;”

(Gn 3, 1-7)

“Look at the world, there was good and evil in that;”

(Charles Dickens, *David Copperfield*)

“The extreme innocence was the corruption – it was her corruption, her madness, her cunning.”

(Philip Roth, *The Human Stain*)

2.1. 1904

Verão de 1904. Henry James deixa Lamb House, a residência campestre, em Sussex, na qual passara a maior parte dos últimos oito anos, e embarca para uma viagem de dez meses pela costa leste dos Estados Unidos. Em 30 de agosto, desembarca do *Kaiser Wilhelm II*, em Hoboken, Nova Jersey, após ter permanecido, durante vinte anos, ausente de sua terra natal. A viagem tinha uma dupla finalidade: James pretendia fazer uma longa visita a seu irmão mais velho, William, cuja saúde, já há alguns anos, se encontrava muito debilitada, e planejava acumular material para um livro que consistiria na compilação dos relatos desta viagem. O livro, intitulado *The American Scene*, só foi publicado três

anos mais tarde, quando, já de volta à Inglaterra, James consegue a tranquilidade necessária para organizar o que, no prefácio, declara ser o objeto (*subject*) central dos relatos: o conjunto de suas “impressões” dos “traços da cena humana” e das “propriedades do ar social”¹⁹, na moderna cidade americana.

O retorno aos Estados Unidos e a publicação de *The American Scene* marcam o início do período que sucede à chamada “grande fase” da literatura jamesiana, encerrada pela publicação de *The Golden Bowl*, no mesmo ano de 1904. Este é o último romance de James publicado em vida, e aquele em que a representação da cultura nacional norte-americana, fundamento de toda a sua obra, se apresenta em uma versão do mito fundador desta cultura: o mito do Adão americano. Em 1904, com a publicação *The Golden Bowl*, encerra-se o que a crítica convencionou designar como a fase canônica dos escritos de Henry James. As férias americanas e seu registro literário inauguram, assim, na obra deste autor, a crítica cultural da sociedade norte-americana a partir da observação direta desta sociedade, rompendo, desse modo, com o padrão, anterior a 1904, e presente, sobretudo, na ficção, em que a cultura nacional norte-americana é representada nos e através dos personagens norte-americanos que têm como pano de fundo para suas ações e emoções a cultura e a sociedade europeias.

1904 pode, portanto, ser tomado como um ano divisor de águas na obra de Henry James. É o ano em que a ficção perde a primazia para os textos de tom acentuadamente autobiográfico, os quais incluem, além dos relatos da viagem aos Estados Unidos, *A Small Boy and Others* e *Notes of a Son and Brother*. É também o ano em que James entra em acordo com Charles Scribner para republicar o conjunto de sua obra acompanhado por uma série de prefácios críticos, nos quais faz um balanço de sua vida literária e analisa o processo criativo que envolveu a produção de seus contos e romances mais importantes. Nesse sentido, 1904 é o ano que inaugura uma nova fase em sua carreira, em que predomina o tom autobiográfico, a crítica literária e a análise sócio-cultural; ano de retorno literal e simbólico aos Estados Unidos de sua infância e juventude; ano de autoanálise e de reflexão acerca de sua vida e sua obra.

1904 pode, entretanto, em uma chave interpretativa alternativa, ser compreendido como um ano de convergência de certas questões fundamentais

¹⁹ HENRY, J. *The American Scene*, p. 353. “features of human scene”; “proprieties of social air”.

para o autor – antes e depois de seu retorno ao torrão natal –, tanto em termos de estilo literário, quanto no que se refere às temáticas que o estilo informa. Tal chave interpretativa permite o desenvolvimento de uma análise conjunta de *The Golden Bowl* e *The American Scene* e é nela que se intenta dar uma contribuição para os estudos que abordam a representação da cultura nacional e da democracia norte-americanas, na obra de Henry James. Tal chave interpretativa permite, por conseguinte, que se dê conta do objetivo mais amplo do presente trabalho: analisar, na obra tardia de Henry James – especialmente em *The American Scene* –, a representação literária da relação entre indivíduo e sociedade na cultura democrática, nos Estados Unidos, no contexto das transformações culturais, sociais, tecnológicas, econômicas e políticas da virada do século XIX para o XX, que constituem o que o autor e seus contemporâneos entendem por modernidade. E, finalmente, é nesta chave que se pretende desenvolver o objeto específico deste capítulo, qual seja, a proposta de James, em sua versão romanceada do mito do Adão americano, para uma relação salutar entre indivíduo e sociedade, no contexto do desmantelamento das formas de sociabilidade aristocráticas e sua substituição por formas que correspondam a um *ethos* adequado às estruturas sociais democráticas. Esta proposta envolve duas categorias que exercem grande peso na análise cultural que o autor desenvolve, em *The American Scene*, e cujo vínculo se pode entrever de modo nítido, ao se tomar *The Golden Bowl*. São as categorias complementares de inocência e de senso moral; ambas referidas, ou melhor, atribuídas ao tipo ideal do norte-americano²⁰, simbolicamente representado pela figura mítica de Adão, antes da sua expulsão do Éden. A proposta de James para uma relação entre indivíduo e sociedade, em que se evite a moderna tendência, que acompanha o processo de democratização, à mediocrização e vulgarização da cultura, sugere que o indivíduo moderno perca sua aura de inocência e, para tanto, submeta-se a um processo de sociabilização que, por sua vez, implica um confronto entre o senso moral individual e o mundo social.

²⁰ Martha Nussbaum, no ensaio intitulado “Flawed Crystals: : James’s *The Golden Bowl* and Literature as Moral Philosophy”, oferece uma leitura de *The Golden Bowl*, em que explora o vínculo entre inocência, senso moral e amor filial, a partir da análise da relação entre os personagens de Maggie e Adam Verver. A interpretação de Nussbaum do romance de James será de grande importância para o argumento desenvolvido na seção 1.5 deste capítulo.

Antes de prosseguir com a apresentação do objeto específico deste capítulo, convém esclarecer um ponto fundamental para o argumento da tese como um todo. Tomar a relação, na obra de James, entre indivíduo e sociedade, tal como ela se configura na cultura nacional americana, i.e., na cultura democrática, implica compreender o entendimento, para este autor, da relação entre indivíduo e sociedade em termos abstratos e/ou universais. Isso porque James estabelece uma relação por vezes analógica, por outras, tipológica e, em algumas ainda, metonímica entre o tipo ideal do americano e o Homem, categoria abstrata e universal. E o faz por razões que vão além da aplicação do artifício retórico e das estratégias estilísticas. Ou melhor, o artifício retórico serve a razões que extravasam as questões de estilo. Em primeiro lugar, como leitor e admirador de Tocqueville, James acredita que as sociedades modernas ocidentais passam por um inevitável e irreversível processo de democratização²¹; o que significa que o fundamento aristocrático das relações, nas velhas sociedades europeias, tende a ser substituído por um princípio que, na América do Norte, orienta a relação entre indivíduo e sociedade, desde os primórdios da sua colonização²². Nesse sentido, James estabelece uma relação metonímica entre o indivíduo americano e os homens, em geral. Os “homens, em geral” são, contudo, dotados de empiricidade; são os homens seus contemporâneos, que experimentam, na Europa, como nos Estados Unidos, as mudanças de seu tempo. Em segundo lugar, no que se refere à analogia por meio da qual James vincula o americano e o Homem, pode-se dizer que o autor elabora uma espécie de fábula da história da humanidade, em que os personagens são aqueles que lhe são próximos, familiares e conhecidos: americanos que, como ele próprio, viajam pela ou transmigram para as antigas civilizações do além-mar. Em terceiro e último lugar, a relação tipológica entre o americano e o Homem, possivelmente a mais importante das três, se estabelece em função de uma característica daquele que o aproxima substancialmente deste. Quando James diz “o Americano” e com isto quer dizer “o Homem”, ele enfatiza um traço característico do tipo ideal do indivíduo imbuído do *ethos* da democracia

²¹ Alexis de Tocqueville afirma, na introdução a *A Democracia na América*, ser o desenvolvimento de relações sociais democráticas um processo “universal, é duradouro, escapa a cada dia ao poder humano”, p. 11.

²² Este ponto será melhor desenvolvido no segundo capítulo da tese, o qual abordará a relação entre o *ethos* democrático e a mitologia adâmica, nos Estados Unidos, e a experiência cultural e religiosa dos colonizadores puritanos da América do Norte. Os estudos de Max Weber sobre a

norte-americana: a autonomia em relação à sociedade a que pertence, a impessoalidade dos vínculos de natureza social que o conectam aos outros indivíduos, a fragilidade do caráter afetivo ou tradicional dos laços comunitários, i.e., a fragilidade daquilo que Simmel define como o “estereótipo de sua [do indivíduo] raça, de seu estrato, de suas tradições, de sua família”²³.

Tomar-se-á, portanto, neste capítulo, *The Golden Bowl* e *The American Scene* como duas versões da representação jamesiana da cultura e da identidade norte-americanas – uma mítico-alegórico-ficcional e outra sociológica²⁴. Mais precisamente, procurar-se-á destacar, através da análise da versão do mito do Adão americano de Henry James, elementos que iluminem as questões referentes às formas sociais da democracia nos Estados Unidos e à moderna metrópole americana, que constituirão o objeto dos dois próximos capítulos. As razões para fazê-lo devem ser expostas e justificadas.

A primeira razão consiste em que a narrativa mítica, mesmo em sua reescrita romanesca, apresenta, de forma pura e concisa, os elementos que compõem o *ethos* da cultura norte-americana. Em outras palavras, James transforma o mito do Adão americano em alegoria²⁵ da cultura americana. A diferença entre o mito e a alegoria, nos ensina Paul Ricoeur, está em que, ao contrário daquele, esta “é sempre suscetível de ser traduzida em um texto inteligível em si mesmo” e “aquilo que a alegoria mostra, ao esconder, pode ser dito em um discurso direto que a substitui”²⁶. O mito, em contrapartida, é “autônomo e imediato: ele significa o que diz.”²⁷ *The Golden Bowl* é o texto em

ética protestante e o tipo de racionalidade a ela inerente serão de extrema relevância para o desenvolvimento desta questão.

²³ SIMMEL, G. *On Individuality and Social Forms.*, pp. 211-212. “stereotypings of his race, his stratum, his traditions, his family”.

²⁴ Corroborar-se, neste trabalho, a posição de Ross Posnock, segundo a qual a análise cultural que James desenvolve em *The American Scene* o coloca em situação de igualdade com autores do pensamento social norte-americano como Veblen, Dewey e Bourne e europeus como Weber e Simmel, conquanto, distintamente deles, a crítica cultural jamesiana implique menos um esforço de teorização que a produção de uma narrativa em que se representa um caso empírico específico. Cf., POSNOCK, R. *The Trial of Curiosity*, p. viii.

²⁵ Cf., Yvor Winters, em seu ensaio sobre James intitulado “The Maule’s Well or Henry James and the relation of morals to manners”, chama a atenção para o significativo papel que a alegoria representa na obra de James. Mais do que o retrato de norte-americanos viajando pela Europa, Winters afirma que James pinta alegorias das relações sociais na América e na Europa e, mais ainda, das relações em geral. In: *In Defense of Reason*, pp. 300-343.

²⁶ RICOEUR, P., *Finitude et Culpabilité*, p. 373. “L’allégorie est toujours susceptible d’être traduite dans un texte intelligible par lui-même; (...) ce que l’allégorie montrait en le cachant peut être dit dans un discours direct qui se substitue à elle.”

²⁷ *Ibid.*, p. 374. “le mythe est autonome et immediate: il signifie ce qu’il dit.”

que James opera essa alegorização do mito. Embora a narrativa, através da qual se desenvolve a trama do romance, conserve traços típicos do relato mítico, tais como a tentativa de englobar a humanidade em uma história exemplar cujos personagens são simultaneamente concretos e universais²⁸ (e/ou nacionais) – os personagens de Maggie e Adam Verver, ao remeterem o leitor ao homem e à mulher primordiais, simbolizam a ideia abstrata de ser humano e o tipo ideal do indivíduo norte-americano –, o mito é alegorizado no momento em que seus elementos universais passam a ter referentes específicos – i.e., se os Ververs simbolizam a humanidade, eles representam o contingente empírico dos norte-americanos. Esta passagem do concreto para o universal/nacional e deste para o específico/empírico – ou, em outras palavras, a passagem do simbólico para o representacional – é o que se está aqui referindo como alegorização do mito. Em *The American Scene*, James substitui a alegoria pelo discurso direto, ao analisar as formas pelas quais os elementos que constituem o *ethos* tradicional da cultura nacional americana são rearticulados e remodelados sob a pressão das transformações que as relações sociais e que a própria cultura nacional sofrem, sobretudo nas grandes cidades, na virada do século. Ainda assim, a análise cultural que James desenvolve nos relatos é permeada, em toda sua extensão, por imagens alegóricas e referências míticas. Estas imagens e referências ganham significado no contexto da tradição intelectual que forjou os símbolos e os fundamentos da identidade nacional americana; o que nos leva à segunda razão que justifica uma análise combinada de *The Golden Bowl* e *The American Scene*.

A segunda razão está no fato de que a análise de *The Golden Bowl* permite construir um elo de ligação entre uma identidade nacional americana clássica, tal como formulada pela tradição intelectual, nos Estados Unidos, ao longo de todo o século XIX, e a reconfiguração dessa identidade, no começo do século XX. Ao reescrever o mito do Adão americano, James toma parte de um debate que, desde o segundo decênio do século XIX, mobiliza ensaístas, teólogos, sermonistas, poetas, romancistas e políticos da jovem nação constituída no norte do continente americano. Como Herman Melville fizera, em *Billy Budd*, e Nathaniel Hawthorne, em *The Marble Faun*, o autor de *The Golden Bowl* subverte a retórica tradicional em torno da imagem do Adão antes da Queda e sua relação com a identidade

²⁸ Ibid., p. 372.

nacional. A versão subvertida do mito inverte os sinais que, na versão clássica, marcam positivamente o Adão edênico e, negativamente, o Adão da Queda, coautor do pecado original. Desse modo, James, como Melville, Hawthorne e seu pai, Henry James Sr., se vincula à tradição um tanto ou quanto heterodoxa no seio do cristianismo, cujas origens medievais remontam, segundo Arthur Lovejoy, ao século quarto e cujo mais notável expoente, na época moderna, é Milton. Trata-se da tradição que se desenvolveu a partir do *topos* cristão da Queda afortunada, na qual se concebe o pecado original como signo da humanidade do homem e caminho para a verdadeira redenção.²⁹

Mais do que meramente uma versão do mito do Adão americano, *The Golden Bowl* é uma versão de dois mitos: o mito adâmico e o mito da Queda que, em conjunto, formam o mito cristão da criação do homem e do mundo. Em linhas gerais, o mito da criação, que abre o livro do Gênesis, trata das relações entre o homem e Deus e entre o homem e o mundo. É esta última relação que interessa a Henry James – com a ressalva de que, no campo semântico-conceitual em que opera, a relação entre homem e mundo pode ser entendida como a relação entre indivíduo e sociedade. Entretanto, ainda que não seja apenas isso, *The Golden Bowl* é uma versão do mito do Adão americano e, nesse sentido, nele está contido o modelo segundo o qual se dá a relação entre indivíduo e sociedade na cultura norte-americana. Este modelo tem seus contornos e características definidos pelo modelo que lhe serve de contraponto: aquele que regula a relação indivíduo/sociedade nas culturas europeias. Os dois modelos, apresentados, em toda a obra literária de James, em tensa relação, configuram dois *ethos* distintos que lhes correspondem e se opõem. O *ethos* referente à cultura nacional americana, que se vai aqui referir como *ethos* democrático, aponta para uma relação entre indivíduo e sociedade em que o primeiro está imbuído de alto grau de autonomia em relação à segunda. O modelo sócio-cultural europeu e o *ethos* que se chamará aristocrático pressupõem uma relação mais densa entre indivíduo e sociedade, em que a última define o primeiro. A narrativa jamesiana do mito adâmico permite ainda entrever um terceiro modelo, uma espécie de paradigma de orientação para relação entre indivíduo e sociedade, nos tempos modernos, que corresponda, por um lado, às exigências de uma sociedade democratizada e

²⁹ Cf., LEWIS, R. W. B., *The American Adam*, pp. 60-62; e LOVEJOY, A. O. “Milton and the Paradox of the Fortunate Fall”. *Essays in the History of Ideas*, pp. 277-295.

horizontalizada, mas que conserve o que o autor de *The American Scene* diria ser uma “perspectiva aristocrática” (*aristocratic situation*)³⁰. Essa terceira via, que procura combinar os dois modelos, anteriormente descritos, é sugerida, de modo não sistemático, porém recorrente, nos relatos de viagem aos Estados Unidos, e uma confrontação com as observações do autor acerca do sistema social inglês, ao longo de toda a sua obra, leva a crer que James se inspira no tipo de sociabilidade peculiar à experiência inglesa. Não se quer com isso afirmar que essa terceira via seja a inglesa, em oposição ao modelo americano e ao, genericamente, aludido como europeu, mas que James manifesta reiteradamente admiração por determinados elementos do sistema social inglês e, nos relatos de 1907, tais elementos, quando percebidos como parte da sociabilidade metropolitana, na América, na virada do século, parecem encher o autor de entusiasmo.

No romance de 1904, os dois modelos, norte-americano e europeu, surgem em contornos bastante nítidos e alguns dos personagens se definem claramente a partir do *ethos* democrático ou do *ethos* aristocrático. Já nos relatos da viagem aos Estados Unidos, as observações e impressões de James da sociedade democrática em suas formas e instituições, empiricamente tomadas, conquanto conservem os dois modelos mencionados como paradigmas analíticos, apontam para uma reorganização real dos elementos que compõem tais paradigmas. Por exemplo: a transformação da sociedade americana em uma sociedade de imigrantes gera, para James, a possibilidade da formação de nichos em que vigore o tipo de sociabilidade aristocrática sem que haja um conflito radical com o *ethos* democrático dominante. Compreender os dois modelos, como modelos, i.e., como tipos ideais, tal como James os concebe, é, por conseguinte, fundamental para compreender como o autor representa sua moderna reconfiguração. Esta é a terceira razão que se apresenta em favor de uma análise conjunta do romance e dos relatos de viagem de Henry James.

Por fim, como quarta e última razão, pode-se argumentar que a versão alegórica do mito do Adão americano, criada por James, permite delimitar alguns pares de categorias que indicam a relação entre indivíduo e sociedade em cada um dos modelos anteriormente mencionados. São eles: inocência e experiência, senso

³⁰ JAMES, H., *The Portrait of a Lady*, p. 242.

moral e sensibilidade estética, sentimento nacional e sentimento histórico, relativos ao *ethos* democrático e ao aristocrático, respectivamente.

Com base nas razões acima expostas, pretende-se, nas seguintes seções, analisar a versão de Henry James do mito do Adão americano e destacar algumas das implicações de tal análise para a compreensão de *The American Scene*, seguindo-se o seguinte roteiro: 1) na seções 1.2 e 1.3, procurar-se-á caracterizar os dois modelos, anteriormente mencionados, a partir das categorias de sentimento nacional e sentimento histórico e de senso moral e sensibilidade estética, respectivamente; 2) a seção 1.4, será dedicada ao mito do Adão americano, sua origem histórica no debate intelectual que constituiu a base do discurso sobre identidade nacional, nos Estados Unidos, e sua relação com o mito etiológico cristão; 3) na seção 1.5, será apresentada a análise da versão alegorizada de Henry James do mito e retomadas as categorias de senso moral e sensibilidade estética a partir da categoria fundamental de inocência; 4) finalmente, na seção 1.6, procurar-se-á apreender, a partir da análise do romance, feita na seção anterior, um esboço do que se considera ser a proposta de James para uma relação salutar entre indivíduo e sociedade, na qual a estrutura social democrática se harmonize com características do *ethos* aristocrático, sobretudo no que se refere aos âmbitos da moralidade e da criação artística. Tal proposta implica a substituição da condição de inocência, típica de uma individualidade adâmica, por um tipo de sociabilidade fundado na categoria de sinceridade, extraída da experiência inglesa.

2.2. Os Felizes Reinos Sem História

The American Scene foi, por muito tempo, tratado como um texto excêntrico em relação ao cânon da literatura jamesiana, sobretudo da ficcional. Até o fim do período da convencionalmente chamada “grande fase”, que inclui os romances *The Wings of the Dove*, *The Ambassadors* e *The Golden Bowl*, James lida com o universo das classes mais elevadas (*the upper classes*)³¹ das sociedades norte-americana e europeias e está imbuído do espírito de contenção elegante que caracteriza as liturgias sociais de tais classes no *ethos* vitoriano. Nos relatos de sua viagem aos Estados Unidos, o autor alarga consideravelmente seu espectro social,

incluindo como objeto de representação literária grupos sociais tais como os imigrantes e as classes médias baixas que, com raríssimas exceções³², estiveram ausentes de sua ficção. Autores que têm se interessado, nas últimas três décadas por estes relatos e seu lugar na obra de Henry James, como Ross Posnock, observam que, neles, há um “relaxamento” dos padrões da moralidade vitoriana e a abertura para uma crítica cultural que inclua noções como a de pluralismo sócio-cultural. Tal relaxamento, no entanto, já vinha sendo prenunciado em romances como *The Ambassadors* e *The Golden Bowl*. O processo de “sociabilização” pelo qual passam os personagens norte-americanos, nestes romances, alegoriza a “sociabilização” que a identidade nacional americana sofre ao contato da multiplicidade de culturas que habita as grandes cidades americanas na primeira década do século XX. Portanto, a despeito das diferenças mencionadas, pode-se dizer que há muito em comum entre os romances que compõem a “grande fase” da obra de James e os textos do período seguinte. E o que há em comum entre estes textos é de tanto interesse para o crítico e o estudioso de James quanto o que os distingue e separa em duas fases.

Em termos formais, tanto os três romances da “grande fase” quanto os relatos de viagem aos Estados Unidos compartilham as características do que é comumente designado como o estilo tardio (*late style*) de James, o qual já é perceptível desde *The Spoils of Poyton*, romance que pertence ao período intermediário, também chamado de “período britânico” de sua obra. Entre estas características se encontram um exacerbado formalismo e abstracionismo, a presença recorrente de paradoxos, proposições dialéticas, indeterminadas ou inconclusas, construções parentéticas em profusão, uso de aspas e itálico para marcar o tom irônico de uma expressão, hermetismo e obscurantismo no que se refere ao sentido das ações de certos personagens e virtuosismo linguístico.³³ Estes aspectos formais dos textos tardios de James apontam para o estágio de amadurecimento alcançado pelo impulso de dois vetores, fundamentais em sua

³¹ Noção inglesa de gentleman / “middle class” que, nos EUA, começa a se formar em meados do XIX.

³² A exceção mais significativa no contexto da obra de James é o romance *The Bostonians*, de 1886.

³³ O estilo tardio de James é recorrentemente classificado como maneirista e Jonathan Freedman observa que a prosa barroca jamesiana, do final do século XIX e início do XX, foi causa de mortificação para William James, para o público contemporâneo ao autor e para leitores dos nossos dias. FREEDMAN, J. *The Cambridge Companion to Henry James*, p. 10.

obra: o esforço em elevar a ficção ao status de obra de arte e a complexidade e sutileza no tratamento das relações humanas.

Quanto ao tema, é a representação da cultura nacional norte-americana que marca a afinidade entre os textos ficcionais e o texto não-ficcional. A diferença está em que, na ficção, os traços culturais tipicamente norte-americanos tornam-se manifestos no e através do cenário europeu, numa relação de contradição e complementaridade, enquanto que, na não-ficção, é a cena americana que está, evidentemente, em questão. No entanto, no caso da literatura de James, ficcional ou não, a cena americana pressupõe sempre, comparativamente, a cena europeia, do mesmo modo que os personagens norte-americanos de seus romances tomam forma no cenário europeu. Jonathan Freedman argumenta, no seu artigo introdutório a *The Cambridge Companion to Henry James*, que o chamado “Tema Internacional” (“*International Theme*”), que perpassa toda a obra ficcional do autor, poderia ser tomado antes como “tema nacional”. “O que está, todo tempo, em questão”, afirma ele, “é a *relacionalidade* do sentimento nacional no momento da integração internacional. É apenas quando viajam, no fim das contas, que os americanos de James podem definir sua própria identidade nacional.”³⁴ Freedman chama a atenção ainda para o fato de que as identidades culturais nacionais não são, na obra de James, dadas *a priori*, mas sempre como identidades a serem construídas, transformadas, remodeladas; identidades constantemente em relação. Isto fica claro, sobretudo, na fase tardia de sua obra. Em *The American Scene*, as impressões de James são, em grande parte, relativas à transformação da sociedade norte-americana em uma sociedade de imigrantes. E a despeito de grande parte dos comentadores de James ter, reiteradamente, interpretado tais impressões como uma afirmação do antagonismo inconciliável entre uma cultura nacional norte-americana anglo-saxã e protestante e uma multiplicidade de culturas nacionais europeias, majoritariamente católicas³⁵, fechadas em si mesmas e na condição de estrangeiras em território americano, estudiosos da obra do autor como Ross Posnock e o próprio Freedman argumentam em favor da ideia de que James

³⁴ “What remains at stake throughout is the *relationality* of the national feeling at the moment of international intermingling. It is only when they travel to Europe, after all, that James’s Americans are able to define their own national identity.” Ibid., p. 8.

³⁵ Esta linha interpretativa se configurou sob a influência do comentário clássico de F. O. Matthiessen, de 1947, segundo o qual James, ao reagir com horror à profusão de etnias com a qual se depara em seu retorno à Nova Iorque, “aproxima-se perigosamente de uma doutrina racista”, in

pensava a moderna identidade norte-americana como uma identidade em mutação. E é esta linha interpretativa que, neste trabalho, se seguirá.

A “relacionalidade” do sentimento nacional, na obra de James, de que Freedman fala, refere-se não apenas a uma ordem mundial fundada na relação entre unidades políticas e culturais nacionais, como também à ideia de dois *ethos* muito distintos: aquele ligado à democracia norte-americana e suas origens puritanas e aquele das sociedades em que sobrevivem estruturas, hábitos, valores e modos de vida aristocráticos. Ao final da Guerra Civil norte-americana, Henry James conta apenas vinte e dois anos. Morre, em 1916, dois anos após o início da primeira Grande Guerra. Durante toda a sua vida adulta, portanto, ele conheceu uma ordem mundial regida pelo “concerto das nações” europeias, em que a intensidade do sentimento nacional coaduna-se com a concentração do poder político nos grandes impérios, especialmente o império inglês. James é consciente da importância fundamental que a combinação entre o sentimento nacional e a política imperial assume em seu tempo e, tal como George Eliot e Joseph Conrad, tem presente em sua literatura o papel civilizador do Império britânico.³⁶ Em um relato de viagem à Inglaterra, de 1877, intitulado “London at Midsummer”, James demonstra sua confiança no poder e habilidade política do Império Britânico no que concerne à resolução de questões políticas internacionais:

“[...] all I shall attempt to say is that in the difficult days that are now elapsing a sympathetic stranger finds his meditations singularly quickened. It is the imperial in English history that he has chiefly cared for, and he finds himself wondering whether the imperial epoch is completely closed. It is a moment when all the nations of Europe seem to be doing something, and he waits to see what England, who has done so much, will do. He has been meeting of late a good many of his country-people – Americans who live on the Continent and pretend to speak with assurance of continental ways of feeling. These people have been passing through London, and many of them are in that irritable condition of mind which appears to be the portion of the American sojourner in the British metropolis when he is not given up to the delights of historic sentiment. They have declared with assurance that the continent nations have ceased to care a straw for what England thinks, that her prestige is completely extinct and that the affairs of Europe will be settled quite independently of her action and still more of her inaction. England will do nothing, will risk nothing; there is no cause bad enough for her not to find a selfish interest in it – there is no cause good enough for her to fight about it. Poor old England is defunct; it is about time she should seek the most decent burial possible. To all this

MATTHIESSEN, F. O. *The James Family*. New York: Knopf, 1961, *apud.*, POSNOCK, R. “Affirming the Allien”, p. 224.

³⁶ Cf. Para essa questão em Conrad, ver o capítulo “Society and Authenticity”, do livro *Sincerity and Authenticity* de Lionel Trilling.

the sympathetic stranger replies that in the first he doesn't believe a word of it, and in the second doesn't care a fig for it – care, that is, what the continental nations think. If the greatness of England were really waning it would be to him as a personal grief; and as he strolls about the breeze common of Woolwich, with all those mementoes of British domination around him, he vibrates quite too richly to be distracted by such vapours.”³⁷

Vinte e sete anos mais tarde, o autor destas linhas não parece ter-se desiludido ou testemunhado a confirmação dos prognósticos que anunciavam o fim do poderio britânico. O Príncipe italiano Amerigo, no parágrafo de abertura de *The Golden Bowl*, sente toda a potestade do antigo Império Romano, ao flunar pelas ruas da capital britânica:

“The Prince had always liked his London, when it had come to him; he was one of the modern Romans who find by the Thames a more convincing image of the truth of the ancient state than any they have left by the Tiber. Brought up on the legend of the City to which the world paid tribute, he recognized in the present London much more than in contemporary Rome the real dimension of such a case. If it was a question of an *Imperium*, he said to himself, and if one wished, as a Roman, to recover a little the sense of that, the place to do that was on London Bridge, or even, on a fine afternoon in May, at Hyde Park Corner.”³⁸

O príncipe, como o próprio James – e ao contrário dos compatriotas deste último que diagnosticaram, em 1877, o fim da era de ouro da Inglaterra – é sensível aos “prazeres do sentimento histórico” e, portanto, não pode deixar de admitir e admirar profundamente a força simbólica (além de política e econômica) do Império inglês de princípios do século XX, no contexto da história das civilizações. James, como Conrad³⁹, é um estrangeiro simpatizante, embora agudamente crítico, dos valores iluministas informados pela moralidade vitoriana, que são, no século XIX inglês, o fundamento do que se entende por civilização. Entre estes valores se encontram tanto o sentimento nacional quanto a missão civilizadora (e, por conseguinte, internacionalizadora) dos impérios. Quando os americanos de James viajam pela Europa eles sofrem a ação civilizadora cuja função, no concerto internacional das nações, coube ao império inglês. Ao se internacionalizarem, estes personagens entram em contato com tradições, modos de vida, relíquias artísticas que caracterizam o que James entende por civilização.

³⁷ JAMES, H., *English Hours*, pp. 145-146.

³⁸ Id., *The Golden Bowl*, p. 3.

Freedman sugere que, no “tema internacional” de James, esteja presente a ideia de “transferência de impérios”. Isto seria evidente, sobretudo, em *The Golden Bowl*, em que o milionário norte-americano Adam Verver coleciona relíquias das velhas civilizações europeias com vistas a formar o acervo de um museu localizado na grande metrópole norte-americana, a fictícia Cidade Americana. Parece difícil afirmar com segurança que James esteja referindo, com a ideia do museu, aos Estados Unidos como um Império em potencial. De qualquer modo, a ideia de transferência de Freedman está claramente presente no período tardio da obra de James. Transferência, das velhas sociedades aristocráticas para a jovem democracia americana, de tradições, de cultura, de história. Se Amerigo, em sua *flânerie* londrina, experimenta a transferência da força simbólica do antigo Império Romano para o moderno Império Britânico, James observa, senão a transferência, ao menos a múltipla e complexa influência das culturas europeias na América do começo do século XX. Ao perambular pelo Central Park, em Nova Iorque, James vê, ouve e sente a polifonia de idiomas, culturas, tradições que emana do elemento humano e modela a paisagem da grande metrópole americana.

“I recall as singularly contributive in all this sense the impression of a splendid Sunday afternoon of early summer, when, during a couple of hours spent in the mingled medium, the variety of accents with which the air swarmed seemed to make it a question whether the Park itself or its visitors were most polyglot. The condensed geographical range, the number of kinds of scenery in a given space, competed with the number of languages heard, and the whole impression was of one’s having had but to turn in from the Plaza to make, in the most agreeable manner possible, the tour of the little globe. And that, frankly, I think was the best of all impressions – was seeing New York at its best;”⁴⁰

Uma volta pelo Central Park equivale a um *tour* pelo globo terrestre. Ideia análoga informa o projeto de Adam Verver: uma visita ao museu, na Cidade Americana, equivaleria a uma viagem pela história das grandes civilizações europeias. *The Golden Bowl* é um romance representativo no que diz respeito à ideia de transferência. É, em vários níveis e de diversos modos, uma alegoria da transferência cultural entre o Velho e o Novo Mundo. Nele, Maggie Verver, uma

³⁹ Na abertura de *Heart of Darkness*, a paisagem do Tâmis, com seus navios, em um fim de tarde, enseja semelhante comparação entre o Império Romano do início da era cristã e o Império Britânico do novecentos.

⁴⁰ JAMES, H., *The American Scene*, p. 177.

jovem e rica norte-americana, prestes a se casar com o príncipe Amerigo, cuja fortuna foi dilapidada por gerações de perdulários antepassados, garante que o que a atrai em seu noivo aristocrático não é a sua “porção individual”, única e singular, mas os elementos que o vinculam a estes mesmos antepassados – que o vinculam, por assim dizer, à história. E vai ainda mais longe dando a entender que “sem os arquivos, anais, e infâmias”⁴¹, referentes à história de sua linhagem, a porção individual de seu noivo, seu *single self*, não teria lugar neste mundo.

A história é, simbolicamente, neste romance de James, o elemento de distinção fundamental entre a cultura nacional norte americana e o que se poderia chamar, de maneira bastante generalizante, de cultura europeia. “Se a história conta a tal ponto naquilo que fala à imaginação de James,” nota Mona Ozouf, “pode-se dizer que a geografia tem também a sua palavra decisiva, e a grande distribuidora de lugares é a oposição entre a velha Europa e a jovem América”⁴². O termo “história” confunde-se conceitualmente, por vezes, com uma noção imprecisa de passado e, por outras, com a ideia de tradição – tanto no que concerne a uma acepção abstrata de tradição, quanto referindo-se a uma tradição cujo conteúdo é específico, ainda que um tanto vago. Trata-se, neste caso, de uma tradição cultural cuja base são sociedades estratificadas segundo um modelo aristocrático, o qual entra em declínio, na Europa, a partir do século XVIII, e se desmantela de maneira irreversível sob a pressão das revoluções liberais deflagradas ao longo do século XIX. O contraponto desta tradição específica é o modelo de sociedade desenvolvido na América do Norte, a partir do século XVII, e que, ao final do século XVIII e princípio do XIX, vai se consolidar no modelo sociopolítico que informa a democracia americana. Em *The Golden Bowl*, a “história” se apresenta sob a forma de anais, arquivos e infâmias, mas também sob a forma de obras de arte, as quais apenas as sociedades aristocráticas, depositárias das tradições de uma civilização milenar, são capazes de produzir. Maggie insinua, em tom jocoso, que Amerigo é, ele próprio, parte da coleção de Adam, destinada a formar o acervo do museu da Cidade Americana:

⁴¹ Id., *The Golden Bowl*, p. 7.

⁴² OZOUF, M., *La Muse Démocratique*, p. 40. “Si l’histoire compte à ce point dans ce qui parle de l’imagination de James, c’est à dire que la géographie a aussi son mot décisif dans l’affaire, et que la grande distributrice des lieux est la opposition de la vieille Europe et de la jeune Amérique.”

“‘You’re at any rate a part of his collection,’ she had explained – ‘one of the things that can only be got over here. You’re a rarity, an object of beauty, an object of price. You’re not perhaps absolutely unique, but you’re so curious and eminent that there are very few others like you – you belong to a class about which everything is known. You’re what they call a *morceau de musée*.’”⁴³

O casamento entre Maggie e Amerigo reitera, portanto, simbolicamente, e mesmo no âmbito do sagrado, a transferência da cultura e da história europeias para os Estados Unidos; transferência materialmente efetuada através da coleção de Adam Verver. O próprio nome de batismo do príncipe é uma alegoria de tal transferência, porquanto alude à transferência primeira, original: a descoberta e colonização da América. Fanny Assingham, mais uma personagem norte-americana expatriada na Europa e grande amiga do jovem casal, atribui ao nome Amerigo o sucesso da conquista de Maggie pelo príncipe:

“They had met; they had seen each other well; they were in relation: the rest was to come of itself and as it could. It began, practically, I recollect, in our drive. Maggie happened to learn, by some other man’s greeting of him, in the bright roman way, from a street-corner as we passed, that one of the Prince’s baptismal names, the one always used for him among his relations, was Amerigo: which [...] was the name, four hundred years ago, or whenever, of the pushing man who followed, across the sea, in the wake of Columbus and succeeded, where Columbus had failed, in becoming a godfather, or name-father, to the new Continent; so that the thought of any connection with him can even now thrill our artless breasts. [...] If he [Amerigo Vespucci] discovered America – or got himself honored as if he had – his successors were, in due time, to discover the Americans. And it was one of them in particular, doubtless, who was to discover how patriotic we are.”⁴⁴

James é extremamente sutil, no trecho acima, ao apresentar a conquista amorosa do príncipe italiano sobre a jovem americana como resultado do sentimento nacional, mais especificamente do patriotismo desta última. Maggie, nas palavras de Mrs. Assingham, “romantiza” a conexão familiar e “histórica” entre seu noivo e o patrono da conquista do continente americano – o continente sem nenhuma história. Esta romantização possibilita uma nova conquista, que reitera a primeira, e que é uma conquista-descoberta do sentimento nacional norte-americano. Por conseguinte, tal sentimento nacional, sob a forma radical de patriotismo, é, ele mesmo, parte da transferência cultural que se estabelece entre a Europa e a América, desde a descoberta e conquista desta última. Desde as

⁴³ JAMES, H., *The Golden Bowl*, p. 8.

⁴⁴ *Ibid.*, pp. 47-48.

primeiras páginas, a leitura de *The Golden Bowl* desvela, por atrás da atração de Maggie pela “historicidade”⁴⁵ de seu noivo, a ausência, em sua própria vida, de semelhante vínculo com a história. Ausência que se procura suprir, em certa medida, pela transferência cultural.

A sutileza de James ao lidar com paradoxos desse tipo vai, entretanto, ainda mais longe. O príncipe Amerigo, para afirmar o seu “eu” particular (*single self*) rejeita justamente o elemento que possibilitou a conquista de sua noiva: o vínculo com a história. “Os mais felizes reinos”, declara ele, “são os reinos sem nenhuma história”⁴⁶. Uma frase como esta poderia, sem causar estranheza, ser encontrada entre os versos de *Leaves of Grass* ou de algum ensaio de Ralph Waldo Emerson, *Self-Reliance*, por exemplo, exaltando o elemento de novidade, de ruptura da sociedade norte-americana, e, sobretudo, do indivíduo desta nova sociedade em relação à cultura, às tradições, à história das velhas sociedades europeias.

A declaração de Amerigo poderia ser o verso de abertura de um hino em louvor à cultura do *self-made-man*, do homem que é apenas *single self* que Whitman exalta em seu canto. O homem que Amerigo quer ser, o homem que vive nos felizes reinos sem história é “uma simples pessoa separada” (*a simple separate person*)⁴⁷, aquele que é “nele mesmo em seus próprios direitos” (*in himself in his own rights*)⁴⁸. James a coloca, todavia, na boca de um membro da nobreza europeia. Dessa forma, James dialoga com a tradição das letras norte-americanas, do século XIX, que constrói a identidade nacional a partir da ideia de um novo homem e uma nova sociedade, desvinculada da tradição europeia, e apresenta dois modelos sócio-culturais sob os princípios da relacionalidade e da transferência cultural. O modelo norte-americano, que corresponde ao *ethos* democrático, exalta, com Whitman e Emerson, o indivíduo que é, antes de tudo, um eu particular e singular, uma simples pessoa separada ou, para utilizar a categoria hegeliana, uma “consciência desintegrada”. Esta consciência desintegrada, no caso do tipo ideal do norte-americano, é associada a um forte

⁴⁵ “‘Oh, I’m not afraid of history!’ She had been sure of that. ‘Call it the bad part, if you like – yours certainly sticks out of you. What was it else,’ Maggie Verver had also said, ‘that made me originally think of you? It wasn’t – as I should suppose you must have seen – what you call your unknown quantity, your particular self. It was the generations behind you, the follies and the crimes, the plunder and the waste. [...] Where, therefore’ – she put it to him again – ‘without your archives, annals, infamies, would you have been?’”. In: *Ibid.*, p. 7.

⁴⁶ *Ibid.*, p. 7. “The happiest reigns, we are taught, you know, are the reigns without any history.”

⁴⁷ WHITMAN, W., “One’s-Self I Sing”. *The Complete Poems*, p. 37.

⁴⁸ *Id.*, “To a Historian”. *Op. cit.*, p. 39.

sentimento nacional. Neste caso, entretanto, o sentimento nacional aponta antes para ideia de uma radical autonomia do indivíduo em relação aos *a priori* sócio-históricos do que para um nacionalismo com conteúdo histórico específico. O sentimento nacional, nos Estados Unidos, como veremos, mais adiante, na seção sobre o Adão americano, se fundamenta antes na ideia de quebra com as tradições europeias que na formação de uma tradição própria. É a este tipo de individualidade que o príncipe Amerigo aspira. O outro modelo, a que aludimos genericamente como europeu e que corresponde ao *ethos* aristocrático, é o modelo no qual, aos olhos de Maggie Verver, se integra o príncipe, e em que o indivíduo se define menos por suas qualidades intrínsecas do que por aquilo que Simmel refere como “herança social”, em seu ensaio sobre a “Nobreza”. No primeiro modelo, à autonomia individual e ao sentimento nacional coaduna-se um agudo senso moral que, para James, entra em conflito com a sensibilidade estética, característica dos indivíduos das antigas civilizações da Velha Europa. Uma das formas de transferência cultural que se pode observar, nos textos de James, é a transformação do senso moral tipicamente norte-americano ao contato e sob a pressão da cultura europeia. É a esta modalidade de transferência, que chamaremos de processo civilizador, que será dedicada a próxima seção.

2.3. Senso Moral e Sensibilidade Estética

A relação comparativa e, por vezes, tensa entre a Europa e os Estados Unidos coloca em evidência, na obra de James, duas questões fundamentais: o sentido ou orientação moral das ações humanas e a representação estética da realidade.

Grande parte dos comentadores de James acredita que, para o autor, o senso ético ou moral é um traço essencialmente americano, que acompanha o *ethos* democrático, o qual teria se desenvolvido mais plenamente na sociedade fundada pelos imigrantes puritanos, na América do Norte do que em qualquer outra região do planeta. Por outro lado, a sensibilidade estética seria típica, para James, de sociedades aristocráticas como a inglesa, a francesa e a italiana. Mona Ozouf, autora de um livro dedicado à análise da questão da democracia na obra de James, afirma que o autor se apresenta dividido entre “a preferência estética mostrada às

paisagens modeladas pela velha civilização aristocrática e a simpatia moral dedicada aos seres formados pela jovem democracia.”⁴⁹ Yvor Winters percebe as mesmas relações em termos mais abstratos ou tipológicos. Embora se afine com Ozouf na associação entre cultura nacional norte-americana e senso moral (*moral sense*), no que se refere à obra de James, o autor autonomiza os dois termos da associação do seu correspondente empírico. “Cultura nacional americana” e “senso moral” fundem-se no “senso moral norte-americano”, o qual é transformado em uma categoria que pode ser aplicada a qualquer personagem, de qualquer contexto nacional: “as características ‘americanas’ são atribuídas a certos personagens, e as ‘europeias’ a outros.”⁵⁰ Isto ocorre de maneira mais evidente no chamado “período britânico”, no qual os personagens eram, na grande maioria, ingleses e não havia nenhum personagem americano. Ainda assim, certos personagens como a governanta de *The Turn of the Screw*, Fleda Vetch de *The Spoils of Poyton* e Nanda Brookenham de *The Awkward Age* estão imbuídos de um senso moral tipicamente americano. Do mesmo modo, mas inversamente, Winters nota que os personagens americanos de James passam, via de regra, por um processo de “europeização” que consiste, grosso modo, em uma espécie de “processo civilizador”, cuja consequência mais importante é o desenvolvimento da sensibilidade estética.⁵¹ Roderick Hudson, do romance homônimo, Isabel Archer de *The Portrait of a Lady* e Lambert Strether de *The Ambassadors* são personagens que passam por esse processo civilizador ao longo dos romances. A “europeização”, conquanto seja, a princípio, um processo positivo na obra de James, pode tornar-se, se for dada “uma volta a mais no parafuso”, corruptora do senso moral.⁵² É o que se dá, por exemplo, com o sinistro personagem de Gilbert

⁴⁹ OZOUF, M., *La Muse Démocratique*, p. 46. “la préférence esthétique montrée aux paysages modelés par la vieille civilisation aristocratique et la sympathie morale due aux êtres formés par la jeune démocratie”.

⁵⁰ WINTERS, Y. *In Defense of Reason*, p. 301. “the ‘American’ characteristics are given to certain personages, and the ‘European’ to others.”

⁵¹ “In general, however, the subject of the characteristic Jamesian novel is the influence of the cultivation of sensibility (in other words, the experience of contact with European manners) upon moral character in pure or isolated form (that is, upon the American moral sense, divorced from any body of American manners). The implications of this relationship of morality to sensibility are the most profound and the most general sort, in spite of the fact that the concrete terms giving rise to the implications are relatively limited: It is obvious, then, that James is much more than a mere portrayer of the American abroad;” In: *Ibid.*, p. 316.

⁵² “That the moral sense as James conceives it is essentially American or at least appears to James clearly in American character; that it can be cultivated by the association with European civilization and manners; that it may be weakened or in some other manner betrayed by an excess of such association.” In: *Ibid.*, p. 300.

Osmond, em *The Portrait of a Lady*. Nesse caso, tornar-se um esteta é sinônimo de esvaziar-se eticamente.

A “europeização” implica também, nos romances de James, a perda da condição de inocência, que forma, em associação com o senso moral, o “tipo ideal” do norte-americano. A inocência e o senso moral são as duas faces de uma mesma moeda⁵³ que pode ser cunhada ou erodida pelo atrito da cultura europeia. Se ao senso moral americano corresponde a sensibilidade estética europeia, a inocência dos norte-americanos tem como par antitético o conhecimento do mundo (*knowledge of the world*) dos europeus. E o mundo, para James, é o mundo das relações sociais.

Seja tomando os norte-americanos e os europeus de James como casos empíricos, resultados históricos de culturas nacionais específicas, seja tomando-os como “tipos ideais” weberianos, que remetem a tipos humanos universais, pode-se dizer que o tema que interessa ao autor, em toda sua obra, ficcional ou não, é o processo que consiste na perda da inocência, ao contato do mundo social. Em outras palavras, é o processo de transformação, de lapidação do senso moral, inicialmente em estado bruto, pela incorporação de elementos de ordem social, como a sensibilidade estética. Se o processo de “europeização” pode, em certos casos, significar a corrupção moral do indivíduo, a manutenção a todo custo do estado de inocência também significa, para James, corrupção. Corrupção que se dá, por vezes, pela estetização de valores morais, por outras, pela vulgarização do caráter, como resultado do cultivo da simplicidade e superficialidade que acompanham o senso moral na condição de inocência, ou ainda pela total incapacidade de viver no mundo, o que pode resultar, literalmente, em morte.⁵⁴ A recusa em abandonar o estado de inocência, essa espécie de *contemptus mundi* que se manifesta na ignorância das normas, códigos, tradições que regulam os hábitos e práticas dos homens em uma determinada sociedade, pode ser também a “outra volta do parafuso”, a volta fatal.

Há ainda um outro ponto levantado, no ensaio de Winters, no que se refere ao senso moral americano, que vale a pena explorar aqui. Segundo este autor, as tramas ficcionais de James são marcadas por dois importantes traços relacionados: elas se desenvolvem a partir da crucial questão da escolha ética e esta escolha é

⁵³ Cf., NUSSBAUM, M., *Love's Knowledge*, pp. 125-127.

⁵⁴ Este é o destino da personagem de Daisy Miller, na novela homônima, de 1878.

apresentada como inteiramente livre de aspectos circunstanciais, pertencentes à esfera da necessidade, tais como os códigos sociais tradicionais e manutenção da subsistência pessoal: “James sought in so far as possible to create the illusion of unhampered choice, he thought to study the ethical judgment of his time and nation in the purest essence to which he could distill it.”⁵⁵

Um ato eticamente condenável jamais vai ser, nos personagens de James, resultado de uma situação extrema de pobreza e indignidade, como o é em Daniel Defoe ou Thomas Hardy. Também não são exercidas, sobre o senso moral dos personagens jamesianos, pressões sociais que restrinjam suas ações, às quais são submetidas os personagens da conterrânea e amiga de James, Edith Warton, em *The Age of Innocence* ou *The House of Mirth*.⁵⁶ Winters explica este mecanismo da escolha livre, não limitada, em primeiro lugar, como artifício retórico para enfatizar o papel central da escolha ética em sua obra. Em segundo lugar, acredita que tal mecanismo vem suprir a falta de familiaridade do autor americano com os hábitos, costumes e códigos sociais de seu país:

“James was unequipped to deal adequately with any major aspect of American manners, yet he was a novelist of manners by natural gift and by his own admission; he was furthermore profoundly American in character. The problem was solved naturally by the facts of his personal history: he dealt with the American, uprooted from his native usages, and confronted with the alien usages of a subtle and ancient society.”⁵⁷

Sem dúvida, James passou a maior parte de sua vida adulta na Europa, tendo se fixado definitivamente, na Inglaterra, em 1876, com trinta e três anos. Todavia, aceitar a explicação de Winters de que a dissociação, na obra de James, do senso moral norte-americano dos costumes (*manners*) norte-americanos se deve ao despreparo, desconhecimento ou inexperiência do autor seria simplificar demais a questão. Ainda que não se possa negar tal inexperiência, não parece ser ela o

⁵⁵ WINTERS, Y. *In Defense of Reason*, p. 308.

⁵⁶ A liberação radical do senso moral dos códigos sociais, pode, no limite, levar à loucura, como no caso da governanta de *The Turn of the Screw*, ou a uma atitude kierkegaardiana de renúncia que parece ao leitor incompreensível, como em *The Spoils of Poyton*, quando Fleda Vetch convence o homem que ama a casar-se com outra e, assim, impede a si mesma de salvar as relíquias de Poyton; quando Nanda Brookenham veta a si mesma a única chance de felicidade no casamento para manter-se fiel a um princípio moral obscuro; ou quando Isabel Archer volta à Roma, para viver novamente com seu cruel marido e renuncia a única possibilidade de libertar-se de seu jugo. Esta situação limítrofe a que alcança o senso moral americano Winters classifica como o obscurantismo de Henry James.

⁵⁷ WINTERS, Y., *In Defense of Reason*, p.312.

fundamento da liberação da escolha ética da “influência do hábito moral e da pressão social”⁵⁸. Ao confrontar o senso moral norte-americano com o evento da escolha ética e ao liberar essa escolha dos costumes e normas de sociabilidade, vigentes nos Estados Unidos, James reconstrói a imagem do tipo ideal do indivíduo norte-americano, a imagem perpetrada pelo mito do Adão americano, de um homem livre das restrições impostas por toda e qualquer herança social, um homem que é pura interioridade, para quem hábitos, costumes, tradições, normas sociais são formas efêmeras, arbitrárias e, diria Emerson, contrárias à natureza. Ao confrontar o senso moral americano com os costumes europeus, James não apenas mostra seu conhecimento de tais costumes e sua acuidade como observador e fina habilidade literária para narrar as aventuras e desventuras de americanos na Europa, como também apresenta um modelo sócio cultural em que a relação entre indivíduo e sociedade é marcada pela densidade, pela substancialidade e em que o senso moral se orienta, na escolha ética, pela moralidade.

O percurso dos personagens dos romances de Henry James, em geral – e o da personagem de Maggie Verver, de *The Golden Bowl*, em particular, que é, na versão jamesiana do mito, aquela que assume as prerrogativas do Adão americano –, é o percurso que se inicia no estado de inocência adâmico, passa pelo evento crucial em que o senso moral do personagem deve se confrontar com o mundo social e, fazer concessões de acordo com a exigência das contingências – e é neste momento em que se dá a verdadeira escolha ética, nas narrativas de James – e atinge um novo estado, em que o senso moral é socializado e matizado pela sensibilidade estética e pela moralidade. A “preferência estética” pela Europa e a “simpatia moral” pelos Estados Unidos não constituem, portanto, na obra de James, termos de um impasse sem solução. Não são termos inconciliáveis. Pelo contrário, o que parece interessar James é a busca pelo o ponto ideal alcançado pela personalidade inocente, imbuída de valores morais que parecem ser naturais, inatos, que se modela à pressão do mundo social. Tal é o processo pelo qual passa Maggie Verver, em *The golden Bowl*. Nas palavras de sua amiga Fanny Assingham, Maggie passa, dolorosamente, a compreender “uma ou duas coisas

⁵⁸ Ibid., p. 312. “We find, then, that James succeeded to a remarkable degree in separating the problem of ethical choice from the influence of ethical habit and of social pressure as they appear in the guise of manners or economic necessity.”

neste mundo”⁵⁹ (“*one or two things in the world*”) e deixa de ser a jovem encarcerada na própria inocência para quem há coisas que não se pode dizer.⁶⁰

Este percurso ou processo de “europeização”, de socialização ou ainda “processo civilizador”, é a própria essência da trama das narrativas ficcionais de James. Winters assim o descreve:

“We have a certain group of particularized individuals in juxtaposition. The particularity is destiny, the juxtaposition is chance. But understanding and will may rise in some measure superior to destiny and to chance, and when they do so, we have human victory; or they may make the effort and fail, in which case we have tragedy; or the failure having occurred, there may be a comprehension of the failure and a willed adjustment to it, in which case we have the combination of tragedy and victory. It is this combination, the representation of which Henry James especially strives to achieve.”⁶¹

A combinação entre tragédia e vitória humana é, na obra de James, uma referência explícita à tradição da Queda afortunada (*fortunate Fall*), a que se vincula, na sua versão do Adão americano, ao lado de Henry James Sr., de Hawthorne e de Melville. É a interpretação particular que esta tradição, e seus partidários americanos, fazem do mito etiológico cristão que será abordada na próxima seção.

2.4. Sociedade, a forma redimida de homem

Em seu famoso ensaio intitulado “A Cicatriz de Ulisses”, Erich Auerbach discorre acerca das distinções que surgem da análise da representação literária da realidade em dois relatos épicos, redigidos aproximadamente na mesma época: a *Odisseia* e o Antigo Testamento. O texto homérico, embora marcado por enorme riqueza de detalhes, apresenta seus personagens a partir de predicados fixos, imutáveis e explícitos para o leitor em todas as suas nuances, em todas as suas dimensões. Nada fica oculto também de seus processos psicológicos, tudo é dito, exteriorizado, apresentado em primeiro plano, “sempre em pleno presente espacial

⁵⁹ JAMES, H. *The Golden Bowl*, p. 222.

⁶⁰ “There are things, my dear – haven’t you felt yourself, as coarse as you are? – that no one could tell Maggie. There are things that, upon my word. I shouldn’t care to attempt to tell her now.” *Ibid.*, p. 45.

⁶¹ WINTERS, Y., *In Defense of Reason*, p. 307.

e temporal.”⁶² Não é por seus mistérios e fenômenos ocultos que a narrativa deve instigar o leitor. O texto bíblico, ao contrário, é repleto de planos, de zonas de sombra, de clivagens temporais, de ações cujas razões se ocultam ao conhecimento do leitor. Outra importante diferença que Auerbach destaca está na forma como a realidade é representada em cada um dos épicos. O realismo homérico é composto por uma altíssima dose de idealismo – é um realismo lendário; o veterotestamentário é um realismo factual, histórico, que pretende a representação de uma realidade objetiva. A esta característica soma-se o fato de que a divindade, no Velho Testamento, – comparando-se o caso judaico com a experiência politeísta grega – aparece definida por três características principais: é soberana, misteriosa e exclusiva. A soberania divina gera uma grande instabilidade e caos na vida social da comunidade de fiéis, uma vez que a vontade soberana é também uma vontade imprevisível. Trata-se, além disso, de um Deus misterioso, cujos desígnios são ocultos, velados aos olhos humanos e somente podem ser conhecidos por meio de revelação divina, o que intensifica a situação de instabilidade e imprevisibilidade dos eventos aos quais a humanidade é submetida. Os elementos da lenda são unívocos e lineares. Na história, há atrito, contradição, motivos subterrâneos. A história reproduz, no plano mundano, imanente, a instabilidade do Deus soberano e misterioso.

Este conjunto de traços que definem, de acordo com Auerbach, não apenas o Velho Testamento, como as narrativas bíblicas e a literatura do cristianismo latino, de modo geral, exerce considerável influência sobre a literatura ocidental até a modernidade, formando o que se poderia aludir como a tradição literária judaico-cristã. A influência desta tradição, suas marcas de estilo e preferências temáticas têm algumas implicações que interessam para a análise da versão alegorizada e romanceada do mito do Adão americano de Henry James. Em primeiro lugar, a tradução da instabilidade divina para o cotidiano histórico resulta em uma enorme quantidade de incidentes, em acaso e em paradoxo. A história é, portanto, na tradição judaico-cristã, inerentemente trágica. Em segundo lugar, a imprevisibilidade que a misteriosa, porém peremptória vontade divina imprime nos eventos humanos torna necessário que tal vontade e os textos em que ela é expressa sejam submetidos à constante exegese. O princípio da exegese na

⁶² AUERBACH, E., *Mimesis*, p. 5.

tradição judaico-cristã exerce forte influência sobre a representação literária da realidade, no Ocidente, e é este princípio que informa a narrativa de *The Golden Bowl*.

O romance de James é a interpretação de uma narrativa mítica que, por sua vez, é a interpretação de uma outra narrativa mítica. Em outras palavras, o romance de James é uma versão do mito do Adão americano que é, ele próprio, uma versão do mito etiológico cristão. James, portanto, está se referindo, no romance, a um universo simbólico e semântico que não se limita à questão de uma identidade nacional específica, mas toca nas concepções judaico-cristãs de homem, de “humanidade” do homem e de comunidade de homens (que modernamente se apresenta sob a forma de sociedade). O mito adâmico é, segundo Paul Ricoeur, entre os mitos etiológicos, o mito antropológico por excelência: “Adão quer dizer Homem”⁶³. Todavia, a afirmação de que o mito adâmico é o mito antropológico por excelência carrega em si uma ambiguidade: Adão é o antepassado da humanidade e possui, em relação a ela, uma natureza homogênea; no entanto, no mito adâmico – que, para Ricoeur, é radicalmente distinto do mito da Queda –, o homem primordial vive em um estado de perfeita inocência que o torna possuidor de uma dignidade supra-humana. O mito adâmico é um mito derivado do mito da criação; ele é fruto de especulações acerca da perfeição sobrenatural de Adão posteriores à redação do Gênesis. Tais especulações, afirma Ricoeur, “alteram profundamente a significação original, ingênua e bruta; elas tendem a tornar Adão superior e, portanto, estrangeiro à nossa condição e, ao mesmo tempo, conduzem o mito adâmico a uma gênese do homem a partir de uma sobre-humanidade primordial.”⁶⁴ Conquanto o mito adâmico e o mito da Queda, i.e., do pecado original, sejam distintos, a ambiguidade inerente àquele o põe irremediavelmente em relação com este. Esta ambiguidade e esta relação são essenciais para que se compreenda o significado do mito na obra de James e sua associação à identidade nacional americana. Adão, antes da queda, é um homem superior aos homens que dele descenderam. Entretanto, sua desobediência original inaugura não apenas o mal, o pecado, a

⁶³ “Adam veut dire Homme.” RICOEUR, P. *Finitude et Culpabilité*, p. 445.

⁶⁴ “toutes les spéculations sur la perfection surnaturelle d’Adam avant la chute sont des arrangements adventices qui en altèrent profondément la signification originelle, naïve et brute; elles tendent à rendre Adam supérieur et donc étranger à notre condition et du même coup

culpa, como também a humanidade – tanto no sentido de coletivo de homens, como no de natureza humana – tal como ela é até os dias atuais.

A Queda é sinônimo da dor na vida do homem: a dor do parto é a punição imediata de Deus à desobediência da mulher. A dor e o suor, que envolvem a faina do homem para conseguir seu pão, na lida do mundo, é a consequência permanente do pecado original. O trabalho significa, nesse mundo decaído, escravidão. Segundo Marshall Sahlins, no artigo “The Sadness of Sweetness. The Native Anthropology of Western Cosmology”, as consequências cosmológicas do pecado de Adão, são expressas, por São Paulo, em Romanos 8:22: “The whole creation groaneth and travaileth in pain together.”⁶⁵ Essa é a versão *King James*. Na tradução da Bíblia de Jerusalém para o português, o mesmo versículo se escreve: “Pois sabemos que a criação inteira geme e sofre as dores do parto até o presente.”⁶⁶ Os descendentes dos primeiros homens, nas figuras de Caim e Abel, vão reiterar a separação entre Deus e o homem, na medida em que reproduzem a falta primeira de seus pais. E assim será com toda a humanidade. De acordo com Sahlins,

“Adam (or ‘Man’) was not only the original agent of evil, but thereby disposed to it. Man cannot not sin, as Augustine said. (...) In Adam’s fall sinned we all: human life became penal and the world hostile. In John Donne’s words, ‘The noblest part, man, felt it first; and then/Both beasts and plants, curst in the curse of man.’

As for humanity, pain and death were not the only penalties of Adamic pride. There was also a certain stupidity, the effect of epistemological obstacles. Eating from the tree of knowledge, Adam plunged men into gross ignorance, simultaneously engendering unfortunate consequences for human social relationships. Before the sin, when called upon by God to name the animals Adam proved himself the world’s first and greatest philosopher he could distinguish the species as they really were, according to their true essences and differences. Adam had then an almost divine knowledge. From the correct names to the confusion of tongues, man experienced all-round fall from intellectual grace. A veil was drawn between one person and another as well as between humanity and the world. Mankind was thus subject to a double dissimulation of reality, social as well as natural. Covering themselves in shame, man and woman introduced deception into all communication. Relation between societies were marks by the incomprehension and strife of Babel – a fitting sequitur to this second attempt of men ‘to be as gods.’”⁶⁷

ramèment le mythe adamique à une genèse de l’homme à partir de l’*une surhumanité primordiale*”. Ibid., pp. 445-446.

⁶⁵ *Apud SAHLINS, M.*, “The Sadness of Swetness”, p. 396.

⁶⁶ *Bíblia de Jerusalém*, Romanos 8:22, p. 1980.

Este trecho deixa explícito o triplo paradoxo inerente ao mito da Queda. Em primeiro lugar, o homem não foi apenas o agente da Queda, mas esteve desde de sempre predisposto a cometer o ato que a ela levou. A argila com a qual Deus modelou o homem não é suficientemente resistente para garantir o sucesso da obra divina. O sopro divino, chama que cose a argila, lhe inspira vida, mas não lhe garante estabilidade. O homem, como criação de Deus, o bem supremo, é inevitavelmente bom. Tendo, contudo, sido criado a partir do nada, do que não é Deus e, portanto, não é Bem, o homem é corruptível.⁶⁷ Sua inocência original é corruptível. Ademais o cosmos, na tradição judaico-cristã, não é dotado de regras que restrinjam a conduta. Não há um direito natural, um direito cosmologicamente fundado como na tradição greco-romana. Não há regras cosmológicas, mas sim mandamentos divinos. À inocência do homem é imposta a obediência a Deus. Obediência e fé confundem-se, no contexto da etiologia judaico-cristã. A harmonia da criação não é garantida por regras, mas pela obediência ao comando divino. A quebra desta harmonia é, simultânea e paradoxalmente, a causa e o efeito da corruptibilidade do homem.

Em segundo lugar, a desobediência do homem à vontade soberana de Deus abre-lhe a possibilidade do conhecimento do mundo, mas essa mesma desobediência furta ao homem a espécie de saber inato, natural, imediato, “quase divino”, do qual Deus o imbuíu. Quando, depois de criá-lo, Deus permite que Adão complete a criação, ao nomear as demais criaturas, lhe transfere parte de sua soberania. No contexto bíblico, os nomes remetem à substância de cada coisa, de cada ser. O pecado original tem como consequência a perda, pelo ser humano, desta pequena, mas preciosa percentagem de soberania divina. Doravante, o homem precisará conhecer o mundo através do seu trabalho sobre o mundo; precisará desvelar o véu que oculta o mundo aos seus olhos; precisará produzir conhecimento. Ao comerem do fruto proibido da árvore do conhecimento do bem e do mal, aos pais da humanidade, como diz o início do sétimo versículo da terceira seção do Gênesis, “abriram-se os olhos”. Mas ao se abrirem os olhos, um espesso véu lhes caiu diante das vistas e o conhecimento do mundo, do bem e do

⁶⁷ SAHLINS, M., “The Sadness of Sweetness”, p. 396.

⁶⁸ Cf., Ibid.: “The world, including the creature was created *ex nihilo*: nothing divine as such as in it. Not that God was responsible for evil, which, as the absence of good, He did not make. What he made was good. But as created out of nothing and in contrast to the unchanging and perfect nature of God, man was corruptible (Augustine *De Civita Dei* 12.I).

mal mundanos, só pode ser adquirido através da conquista do mundo, que o desvela. Quando se abrem os olhos do primeiro homem e da primeira mulher, a humanidade perde o saber, que é fruto de uma outra visão, proporcionada pela “cegueira” inicial com a qual os homens foram criados.

Em terceiro lugar, se a criação inclui a Queda, ela inclui também a redenção. Melhor dizendo, a queda torna possível a redenção. No Éden há uma relação de integração absoluta entre Deus e o homem. Trata-se, no entanto, de uma integração ingênua, natural, marcada pela inocência do homem. Com a quebra da obediência, abre-se para o homem a possibilidade da busca do conhecimento do mundo e a necessidade de que se desenvolva a astúcia para se viver no mundo e relacionar-se com os outros homens. A astúcia é um traço, no mito etiológico cristão, primeiro atribuído à serpente e em seguida a mulher e que passa a caracterizar a humanidade decaída. Mais do que isso, a desobediência primeira e fundamental inaugura as sociedades humanas, inaugura a própria noção de sociabilidade. O homem decaído, punido pela arrogância de seu amor-próprio, marcado pelo signo da falta e da necessidade, obrigado a trabalhar e sofrer para manter-se vivo, descobre que sua sobrevivência, que o caminho para suprir as faltas e necessidades é a sociabilidade. Sahlins disserta cuidadosamente sobre o que chama de “antropologia da necessidade”, i.e., sobre a mudança de sinal que o amor-próprio e as carências humanas sofrem na filosofia e nas ciências sociais, no Ocidente, desde os primórdios do cristianismo aos dias atuais. O amor-próprio, responsável pela mácula do pecado original, e a necessidade, consequência do pecado, transformaram-se em vetores de agregação social. Seja qual for a atribuição que o amor-próprio e as carências humanas recebem, na história do pensamento – sejam eles considerados um mal necessário, ou vícios privados geradores de benefícios públicos, os vínculos sociais, deles resultantes, jamais foram negados.

Se a sociedade é, ela própria, uma fonte de vícios ou virtudes é uma questão que, por sua vez, promoveu muitas opiniões contrárias. Henry James, sem dúvida, assume a posição de que os vínculos sociais são fontes de virtudes essenciais para a vida humana. Certamente virtudes diversas daquelas associadas ao senso moral norte-americano, em estado puro, ou à inocência adâmica. As virtudes sociais, adquiridas pela experiência, pelo atrito do mundo, são, na interpretação jamesiana do mito adâmico e do mito da Queda, resultado de uma

redenção secularizada. Nas palavras de seu pai, Henry James *Senior*, a sociedade é “a forma redimida do homem”⁶⁹. A posição de James, como a de seu pai, se forma na interseção de duas tradições: aquela que concebe o pecado original como causa de uma Queda afortunada e aquela que se apropria ironicamente (e tragicamente) do mito do Adão americano e se inspira na primeira.

Segundo Arthur Lovejoy, no ensaio intitulado “Milton and the Paradox of the Fortunate Fall”, o *topos* da Queda afortunada e o paradoxo a ele inerente inauguram sua presença, entre os séculos IV e VII, nos textos dos Padres da Igreja, especificamente Santo Ambrósio, São Gregório e Santo Agostinho. Sua popularização se deve, entretanto, à sua incorporação, na mesma época, à liturgia católica da missa do Sábado de Aleluia, em um hino cujo título é *Praeconium*, mas que ficou mais conhecido como *Exultet*. Os seguintes versos expressam a essência paradoxal da temática da Queda afortunada: “*O certe necessarium Adae peccatum, quod Christi morte deletum est! O felix culpa, quae talem ac tantum meruit habere redemptorem!*” O hino torna claro o vínculo entre criação e redenção, entre Adão e Cristo, mas o faz, paradoxalmente, pelo pecado do primeiro, redimido pelo segundo. Se a desobediência de Adão introduz o mal no mundo, esse mal gera a ocasião para que Deus redima a humanidade através da Encarnação e Ressurreição de Cristo e, dessa forma, torne manifestos o seu poder e sua glória. Assim resume Lovejoy o paradoxo da *felix culpa*:

“Fall could never be sufficiently condemned and lamented; and, likewise, when all its consequences were considered, it could never be sufficiently rejoiced over. Adam’s eating of the forbidden fruit, many theologians have observed, contained in itself all other sins; as the violation by a rational creature of a command imposed by infinite wisdom, and as the frustration of the divine purpose in creation of the earth, its sinfulness was infinite; and by it the entire race became corrupted and estranged from God. Yet if it had never occurred, the Incarnation and Redemption could never have occurred. These sublime mysteries would have had no occasion and no meaning; and therefore the plenitude of the divine goodness and power could neither have been exercised nor have become known to men.”⁷⁰

O paradoxo apresenta ainda mais um desdobramento: o pecado não só possibilita que a glória de Deus se torne manifesta pela dispensa da graça, como o homem redimido por tal dispensa desfruta de felicidade muito maior e mais plena do que aquela que desfrutava Adão no paraíso. Em outras palavras, a felicidade do

⁶⁹ *Society the Redeemed Form of Man* é o título do livro que James Sr. publica em 1879.

homem no *status gratiae* é infinitamente maior que aquela do estado de inocência. Santo Ambrósio afirma claramente que “o pecado é mais frutífero do que a inocência” (*fructuosior culpa quam innocentia*). Nos séculos XVI e XVII, a literatura protestante, com autores como Du Bartas, Giles Fletcher e John Milton, expressa as dúvidas e questões pouco ortodoxas levantadas pelo tema da Queda afortunada. Em *Paradise Lost*, Adão se pergunta se o arrependimento por seu pecado não deveria ceder lugar para a alegria pelo bem maior por ele proporcionado, o Advento.

“O Goodness infinite, Goodness immense
That all this good of evil shall produce,
And evil turn to good – more wonderful
Than that which by creation first brought forth
(473) Light out of darkness! Full of doubt I stand,
Whether I should repent me now of sin
By me done or occasioned, or rejoice
Much more that much more good thereof shall spring –
To God more glory, more good will to men
From God – and over wrath grace shall abound.”⁷¹

A segunda tradição a qual James se remete, em sua alegoria do mito adâmico, é uma vertente do debate intelectual que, a partir da década de vinte do século XIX, se desenvolve em torno do mito do Adão americano, mito fundador da identidade nacional, nos Estados Unidos, e que mobiliza os mais importantes homens e letras da jovem nação – vertente que incorpora o *topos* da Queda afortunada. O acurado estudo de R. W. B. Lewis acerca deste debate pode contribuir consideravelmente para esclarecer a interpretação jamesiana do mito e sua relação com as duas tradições acima mencionadas. Parte-se aqui do pressuposto de que Henry James, como boa parte dos intelectuais seus coetâneos e conterrâneos, é herdeiro deste debate e, como tal, reelabora as posições de seus predecessores, adaptando-as aos dilemas da sociedade de seu tempo. Antes de que se trate de tal adaptação, no entanto, há que se compreender em que consistiam os termos do debate original. A imagem adâmica torna-se símbolo da identidade nacional, poucas décadas após a independência das colônias britânicas, no litoral leste do norte do continente americano, para que se marque simbolicamente a radicalidade da novidade que representava a nova sociedade, da nova nação, em

⁷⁰ LOVEJOY, A. O., *Essays in the history of ideas.*, p. 278.

sua profunda diferenciação da velha Europa e suas velhas tradições. O Adão americano representava, nas palavras de Lewis, “uma figura de heróica inocência e vasto potencial, posta no início de uma nova história”⁷² a ser construída a partir de um marco zero, fazendo tábula rasa das tradições de além-mar:

“The new habits to be engendered on the new American scene were suggested by the image of a radically new personality, the hero of the new adventure: an individual emancipated from history, happily bereft of ancestry, untouched and undefiled by the usual inheritances of family and race; an individual standing alone, self-reliant and self-propelling, ready to confront whatever awaited him with the aid of his own unique and inherent resources. It was not surprising in a Bible reading generation, that the new hero (in praise or disapproval) was most easily identified with Adam before the Fall. Adam was the archetypal man. His moral position was prior to experience, and in his very newness he was fundamentally innocent.”⁷³

Outra acurada definição do Adão americano – talvez a mais precisa na literatura americana do século XIX – é fornecida na descrição de Herman Melville de Billy Budd, o herói adâmico de seu conto homônimo:

“with little or no sharpness of faculty or any trace of the wisdom of the serpent, nor yet quiet a dove, he possessed a certain degree of intelligence along with the unconventional rectitude of a sound human creature – one to whom not yet has been proffered the questionable apple of knowledge. He was illiterate; he could not read, but he could sing, and like the illiterate nightingale was sometimes composer of his own song.”⁷⁴

Trata-se de um ser cuja inocência é fruto da combinação entre profunda ignorância do mundo com uma rústica inteligência natural, imaculada pelo contato da civilização; cuja pureza não é frágil, pois sustenta-se em um caráter viril; cuja docilidade é ativa e conquistadora; cujo senso moral é prévio em relação à moralidade: “Sua natureza simples permeneceu sem a sofisticação que resulta daquelas obliquidades morais, as quais não são, em todo caso, incomparáveis com aquela coisa manufaturável conhecida como respeitabilidade.”⁷⁵ Tudo aquilo que é fruto do processo civilizador, ou que, em termos simmelianos, se poderia

⁷¹ MILTON, J., *Paradise Lost*, p.

⁷² LEWIS, R. W. B., *The American Adam*, p. 1.

⁷³ *Ibid.*, p. 6.

⁷⁴ MELVILLE, H., *Billy Budd and Other Stories*, p. 236.

⁷⁵ *Ibid.*, p. 236. “His simple nature remained unsophisticated by those moral obliquities which are not in every case incomparable with that manufacturable thing known as respectability.”

designar como “cultura objetiva”, “as esferas reais e ideais no exterior do *self*”⁷⁶, é intocado pela personalidade adâmica. O Adão americano é, em sua inocência, o compositor de sua própria canção.

Os apologistas da inocência adâmica como símbolo da individualidade, na nova sociedade, projetavam não apenas a rejeição às tradições europeias, mas, no limite, a rejeição à própria noção de tradição. Emerson, no famoso ensaio intitulado *Self-Reliance*, exalta o indivíduo que confia plenamente em suas próprias ideias, em sua sabedoria quase instintiva e plenamente pessoal, desobrigada em relação à toda e qualquer autoridade passada ou presente, autoridade que apenas restringiria a autenticidade e genialidade do pensamento individual. O seguinte trecho é representativo:

“I remember an answer which when quite young I was prompted to make to a valued adviser, who was wont to importune me with the dear old doctrines of the church. On my saying, What have I to do with the sacredness of traditions, if I live wholly from within? My friend suggested, - ‘But these impulses may be from below, not from above.’ – I replied, “They do not seem to me to be such; but if I am the Devil’s child, I will live then from the Devil.’ No law can be sacred to me but that of my nature. Good and bad are but names very readily transferable to that or this; the only right is what is after my constitution, the only wrong what is against it. A man is to carry himself in the presence of all opposition, as if everything was titular and ephemeral but he. I am ashamed to think how easily we capitulate to badges and names, to large societies and dead institutions. Every decent and well-spoken individual affects and sways me more than is right.”⁷⁷

Toda tradição, toda doutrina, toda moralidade é efêmera. Apenas a natureza humana é, no indivíduo, constante e, em consequência, apenas os pensamentos, ações e criações individuais, livres da influência do passado ou de normas exteriores a eles próprios, são autênticos. A infância e a juventude ganham, por conseguinte, grande importância e credibilidade, nesta ideologia que privilegia a espontaneidade da personalidade inocente em detrimento do saber ou conduta adquiridos ou fundamentados na experiência, na herança, na tradição. Diz Emerson:

“What pretty oracles nature yields us on this text, in the face and behavior of children, babes and even brutes! That divided and rebel mind, that distrust of a sentiment because our arithmetic had computed the strength and means opposed to

⁷⁶ SIMMEL, G., *On Individuality and Social Forms*, p. 230. “real and ideal spheres outside of the self.”

⁷⁷ EMERSON, R. W., *Essays and Lectures*, pp. 261-262.

our purpose, these have not. Their mind being whole, their eye is yet unconquered, and when we look in their faces, we are disconcerted. Infancy conforms to nobody: all conform to it, so that one babe commonly makes four or five out of the adults who prattle and play to it. So God had armed youth and puberty and manhood no less with its own piquancy and charm, and made it enviable and gracious and its claims not to be put by, if it will stand by itself. Do not think the youth has no force, because he cannot speak to you and me. Hark! In the next room his voice is sufficiently clear and emphatic. It seems he knows how to speak to his contemporaries. Bashful or bold, then, he will know how to make us seniors very unnecessary.”⁷⁸

Nas crianças e nos brutos revive a inocência adâmica. Na juventude a espontaneidade de Adão, que nomeia os seres e as coisas do mundo a partir de um saber inato, espontâneo, oracular, e a capacidade de estar sempre atualizada, sempre contemporânea a si mesma. Nos antigos, a autoridade vazia e o conhecimento obsoleto adquirido por experiências já passadas. O trecho de Emerson é um dos mais expressivos hinos ao Adão americano. A importância da infância, sobretudo da inocência infantil, e da inconformidade ao mundo exterior, típica da infância, será central na leitura de Henry James do mito. A inconformidade é, portanto, relativa à experiência passada, à tradição e à história. Emerson, ao menos nesta passagem, não compartilha com James “os prazeres do sentimento histórico”. Também não os compartilha Walt Whitman que, em seu poema *To a Historian*, exalta a liberdade do indivíduo na condição adâmica, para quem não há passado, apenas presente e, sobretudo, futuro.

You who celebrate bygones,
 Who have explored the outward, the surfaces of the races,
 the life that has exhibited itself,
 Who have treated man as the creature of politics,
 aggregates, rulers and priests,
 I, habitan of the Alleghanies, treating of him as he is in
 himself in his own rights,
 Pressing the pulse of the life that has seldom exhibited itself,
 (the great pride of man in himself,)
 Chanter of Personality, outlining what is yet to be,
 I project the history of the future.”⁷⁹

Whitman dá o tom, nestes versos, da apologia às qualidades do Adão americano, no debate intelectual contemporâneo e das décadas subsequentes. O culto à personalidade e a exaltação de um indivíduo que é criatura apenas de si

⁷⁸ Ibid., p. 260.

⁷⁹ WHITMAN, W., *The Complete Poems*, p. 39.

próprio, que modela a si próprio e que, portanto, não é resultado ou criação social ou histórica (“creature of politics,/ aggregates, rulers and priests) são temas centrais no debate, tanto para os defensores da imagem adâmica como símbolo da identidade nacional, como para seus detratores.

Havia, sim, os detratores. O mito do Adão americano e a ideia de que a sociedade norte-americana era marcada, na fórmula de Edward Everett, por uma radical “separação da Europa”⁸⁰ não eram apresentados, na primeira metade do século XIX, apenas em tom apologético. Àqueles que, como Whitman, Emerson e Thoreau, consideravam o mito uma insígnia do orgulho nacional – os quais Lewis classifica como integrantes do “grupo da esperança” –, opunham-se os “nostálgicos” do passado colonial. Calvinistas ortodoxos, reunidos sobretudo em centros como Andover e Princeton, denunciavam a corrupção dos valores cristãos dos pioneiros. Para os “nostálgicos”, os hábitos e valores que acompanham as sociedades modernas, sobretudo nas grandes cidades, eram os responsáveis pela degradação do novo Éden, erigido pelos colonos puritanos do May Flower na *wilderness*⁸¹ americana, em Sodoma e Gomorra contemporâneas. Nesta perspectiva, o Adão americano há muito fora expulso do paraíso e carregava a marca do pecado original. A “separação da Europa” assumia, por conseguinte, um valor negativo e significava o afastamento da tradição puritana dos séculos que se seguiram à Reforma. “Nostálgicos” e “esperançosos” representavam as duas faces da mesma moeda: “a negação do passado gerou, em compensação, uma nova nostalgia, uma nova veneração do passado na sua qualidade de passado.”⁸² Em seus discursos, ambos os grupos operavam com os mesmos conceitos e categorias e as palavras-chave mais recorrentes eram: passado e presente, pecado e inocência, experiência e novidade, o mal e a esperança, memória, tradição.

Entre os homens de letras que integravam o debate acerca da identidade nacional e seu mito fundador, Lewis identifica ainda um terceiro grupo – que nos interessa particularmente uma vez que partimos do pressuposto de que James é seu herdeiro direto –, a que chama de “grupo da Ironia”. Adeptos de um ambíguo

⁸⁰ LEWIS, R. W. B., *The American Adam*, p. 5.

⁸¹ Cf., George H. Williams, em seu livro *Wilderness and paradise in Christian thought*, argumenta que a noção de *wilderness* comporta tanto um sentido negativo, de terra selvagem e devastada que não conhece a palavra divina, quanto um sentido positivo de um local que, apesar de ser vazio, e talvez por este motivo mesmo, foi escolhido por Deus para que nele seja erigido o paraíso terreal. Este duplo sentido da *wilderness* remontaria à Canaã, terra prometida por Iahweh aos israelitas, aludida no Pentateuco.

tradicionalismo e de um otimismo trágico, os “irônicos” acreditavam haver uma relação orgânica entre o passado e o presente a qual não se podia negligenciar em favor de um dos seus termos. Entre os mais eminentes membros deste grupo, encontrava-se o pai de Henry James. O teólogo Henry James Sr. buscou enfatizar, reiteradamente, em seus ensaios, a tragicidade que há no âmago da própria ideia de inocência e o fato de que a percepção da existência do mal no mundo e do sofrimento a que os homens estão sujeitos em sua vida terrena – oriundos da falibilidade da sua natureza –, pode assumir um caráter humanizador e positivo.

James Sr. acreditava que o Adão americano precisava ser resgatado (*salvaged*) e que só assim ele poderia ser salvo (*saved*)⁸³, como o Adão bíblico pode ser salvo e redimido a partir do momento em que pecou. James insiste que as seções etiológicas, no livro do Gênesis, articulam-se com as seções referentes à Queda e ao homem e o mundo após a Queda. Isso porque há, fundamentalmente, uma articulação entre a ideia de criação e a noção de redenção. O homem e o mundo, objetos da criação divina permanecem, nas quatro primeiras seções do Gênesis, em constante perigo, o perigo de reincidência no pecado e é este perigo que torna o homem vulnerável e apto à redenção. A condição infantilizada do Adão não era, para James Sr., como para Emerson, razão de orgulho, pois ela afasta o indivíduo de sua condição humana, a qual não é inata ou natural, mas construída, histórica e socialmente. O programa de James Sr. para o Adão americano consistia em sua integração ao estado de humanidade (*manhood*) e, para tanto, o indivíduo deveria “passar para além da infância em um encontro com o ‘Mal’ (*Evil*), teria de amadurecer em virtude da destruição de seu próprio egotismo.”⁸⁴ James Sr. foi grande admirador e adepto da teologia de Emmanuel Swedenborg e o que mais o atraía na leitura do Gênesis do místico sueco era a ideia de que Adão, no paraíso, é uma figura aquém da consciência moral e que tal consciência apenas pode ser adquirida através da Queda. No livro de 1857, *Christianity the Logic of Creation*, o autor discorre sobre a condição pré-moral do Adão edênico e a disparidade de tal condição aos atributos humanos que vão caracterizar o homem decaído. O trecho seguinte é bastante significativo neste sentido:

⁸² LEWIS, R. W. B., *The American Adam*, p. 8.

⁸³ *Ibid.*, p. 55.

⁸⁴ *Ibid.*, p. 55.

“In Adam, then, formed from the dust and placed in Eden, we find man’s natural evolution distinctly symbolized – his purely instinctual and passionate condition – as winning and innocent as infancy no doubt but also, happily, quite as evanescent. It is his purely genetic and *pre-moral* state of blissful infantile delight unperturbed as yet by those fierce storms of the intellect which are soon to envelope and sweep it away, but also unvisited by a single glimpse of that Divine and halcyon calm of the heart in which these hideous storms will finally rock themselves to sleep. Nothing can indeed be more remote (except in pure imagery) from distinctively *human* attributes, or from the spontaneous life of man, than this sleek and comely Adamic condition, provided it should turn out an abiding one: because man in that case would prove a mere dimpled nursling of the skies, without ever rising into the slightest Divine communion or fellowship, without ever realizing a truly Divine and manhood dignity.”⁸⁵

A imagem de um indivíduo automodelado, criado apenas por si mesmo, cantada por Whitman, nos versos transcritos anteriormente, como modelo para o indivíduo da nova nação, era, para James Sr., uma imagem perversa e, no limite, ateuista, porque furtava ao homem a condição de criatura e, por conseguinte, furtava-lhe a possibilidade de redenção. Em *Society the Redeemed form of Man*, publicado poucos anos antes de sua morte, James Sr. escreve:

“The only hindrance to men’s believing in God as a creator is their inability to believe in *themselves* as created. Self-consciousness, the sentiment of personality, the feeling I have of life in myself, absolute and underived from any other save in a natural way, is so subtly and powerfully atheistic, that, no matter how loyally I may be taught to insist upon creation as a mere traditional or legendary fact, I never feel inclined personally to believe in it, save as the fruit of some profound intellectual humiliation or hopeless inward vexation of spirit. My inward afflatus from this cause is so great, I am conscious of such superabounding personal life, that I am satisfied, for my own part at least, that my sense of self-hood must in some subtle exquisite way find itself wounded to death – find itself *become death*, in fact, *the only death I am capable of believing in* before any genuine resuscitation is at all practicable for me.”⁸⁶

Na linha interpretativa na qual James Sr. (e também Melville, Hawthorne e Henry James) se enquadram, a redenção só se pode dar através da Queda. Em outras palavras, a visão “divina” que o homem perde ao cometer o pecado original é resgatada pela salvação do homem por Deus. Para salvar-se, o homem deve perder-se. Para recuperar a benevolência divina deve trabalhar, suar, sofrer, conhecer o mundo conquistando-o e se submeter aos vínculos sociais, e não se

⁸⁵ JAMES SR., H. *Christianity the Logic of Creation*, p. 120.

⁸⁶ JAMES SR., H. *Society the Redeemed Form of Man*. Apud LEWIS, R. W. B. *The American Adam*, p. 57-58.

colocar acima deles – como querem Whitman e Emerson –, porque a submissão à sociedade e suas tradições representa, em certa medida, a submissão do homem a Deus, lembra-o de sua condição de criatura. O homem, criatura social é uma metáfora para o homem, criatura de Deus. E vice-versa.

Alguns dos principais pontos do programa de James Sr. para o Adão americano – o amadurecimento através de um trágico conhecimento do Mal mundano; a sociabilização como meio em que se efetua tal amadurecimento; o abandono da condição de inocência como condição para o desenvolvimento moral do indivíduo – vão ser retomados e rearticulados por seu filho quase meio século mais tarde. A tradição da Queda afortunada é, assim, continuada por Henry James em sua narrativa muito particular do mito adâmico e do mito da Queda.

2.5.

“Can wisdom be kept in a silver rod, or love in a golden bowl?”

R. W. B. Lewis nota que, de modo geral, as narrativas ficcionais que tratam da história de Adão e da Queda de maneira explícita e, por vezes, mesmo literal, são as obras tardias na carreira dos escritores americanos: “os trabalhos em que eles buscaram resumir toda a sua experiência da América.”⁸⁷ *The Golden Bowl* foi o último romance acabado de Henry James. Neste, as referências ao mito adâmico se multiplicam. O personagem, cuja inocência nomeia-se literalmente, é norte-americano e chama-se Adam. Mais importante, porém, é o fato de que os choques que a inocência sofre, ao longo da narrativa, e a maneira como a relação entre ética e estética é rearranjada são representativos do modo como James lida com a tensão agonística entre homem e o mundo, típica da condição humana após o pecado original.

The Golden Bowl é a história de Maggie e Adam Verver, pai e filha, que viveram, por longos anos, devotados um ao outro, na solidão do exílio autoimposto – americanos viajando pela Europa e colecionando objetos de arte, frutos do “gênio” da civilização do Velho Mundo. O casamento de Maggie com o príncipe Amerigo rompe a harmonia que caracterizava a idílica relação entre pai e filha e a presença de um terceiro abala o equilíbrio perfeito que a caracterizara até então. “O que realmente aconteceu,” diz Maggie ao pai, “foi que as proporções,

para nós, ficaram alteradas”⁸⁸. Para restabelecer o equilíbrio das proporções, a filha induz o pai a casar-se outra vez e a escolha deste recai sobre Charlotte Stant, a jovem, bela e sem recursos amiga de Maggie. Esta, entretanto, resiste em abandonar o pai, mesmo após o seu casamento. Os deveres de filha jamais são relegados, como deveriam, em favor dos deveres de esposa. O amor filial não dá lugar ao amor sensual do casamento e Maggie resguarda-se em sua condição infantil, desejando que nada de fato se altere. “Ela pode se casar,” diz James, “sem romper, como ela gostava de colocar a situação, com seu passado.”⁸⁹ A consequência desta configuração nos vínculos entre os quatro personagens centrais da trama é a relação adúltera entre Charlotte e o príncipe.

Leon Edel, em sua biografia de James, chama a atenção para a centralidade que a tentativa de manutenção de um equilíbrio qualquer, tentativa impulsionada por força de tendência conservadora, é central em toda a obra de James. Muitas das tramas de seus romances envolvem a perda do equilíbrio e o esforço de retomá-lo ou de ignorar a perda. Em *The Golden Bowl*, esta situação é levada ao limite:

“Everyone begins by having his cake and eating it. The daughter marries but remains close to her father. The father acquires a bride, but still possesses his daughter. The Prince acquires his Princess but doesn’t have to give up his mistress. The mistress makes the marriage she had waited for, a marriage of wealth and position, but keeps her lover. In Elizabethan tragedy such ‘incestuous’ situations could lead to a sanguinary end. In *The Golden Bowl*, the energies of the characters, and of the work, have as their goal an extraordinary attempt to keep the balance – without rocking the boat.”⁹⁰

A perda do equilíbrio, no entanto, é inevitável. Sua recuperação depende desta perda e da tomada de consciência da perda. Esta é a grande percepção de James neste romance e o que faz dele uma alegoria do mito americano. A perda do equilíbrio acompanha a perda da inocência. A perda da inocência, a expulsão do Éden, é a premissa para a salvação.

No ensaio de Martha Nussbaum, intitulado “Flawed Crystals”, a autora toma o romance de James como um texto de filosofia moral, em que a forma

⁸⁷ LEWIS, R. W. B., *The American Adam*, p. 6. *The Marble Faun*, no caso de Hawthorne, e *Billy Bud*, no de Melville.

⁸⁸ JAMES, H., *The Golden Bowl*, p. 98. “What has really happened is that the proportions, for us, are altered.”

⁸⁹ *Ibid.*, p. 234.

como são apresentadas certas questões – a da conduta ética e retidão moral pessoais, por exemplo – tem raízes profundas na tradição do pensamento ocidental em ética.⁹¹ Esta chave de leitura contribui para uma maior matização da tensão entre ética e estética, fundamental para o argumento que se vem desenvolvendo. Antes de mais nada, é conveniente chamar a atenção para o fato de que Nussbaum identifica a inocência e a aspiração à perfeição moral como as características predominantes dos dois personagens americanos do romance de James, os Verver. “Não é fortuito”, diz ela, “que essa combinação de moralismo e excessiva simplicidade seja atribuída aos personagens americanos neste romance – nem que esses americanos sejam tão articulados na deliberação racional quanto ingênuos nas suas reações emocionais.”⁹² Trata-se da inocência de seres sem passado; de seres que, ao contrário do príncipe italiano, não herdaram a infâmia de sua ascendência; de seres que não conhecem e não querem conhecer o mal. A inocência é simbolizada, por James, por meio do nome de batismo de Mr. Verver: Adam. E, segundo Nussbaum, a aspiração à perfeição moral, que tem como pressuposto a ignorância do mal, é a aspiração à condição edênica.

“[...] surrounded by her innocence, she [Maggie Verver] goes about straining to keep herself right, to make her life a flawless crystal bowl holding, as far as pleasures go, ‘nothing, one is obliged to recognize, but innocent pleasures, pleasures without penalties’. The novel is dense with images for this splendid aspiration: images of crystal, of roundness, of childhood – and above all,

⁹⁰ EDEL, L., *Henry James. A Life*, p. 583.

⁹¹ Na introdução a *Love's Knowledge*, livro que reúne o conjunto de ensaios que tratam da relação entre literatura e filosofia moral, Martha Nussbaum argumenta que a estrutura narrativa da literatura de ficção pode, muitas vezes, ser mais adequada que tratados filosóficos para abordar questões éticas. Isso vale sobretudo se o procedimento aristotélico em ética é tomado como paradigma: “The Aristotelian procedure in ethics begins with a very broad and inclusive question: ‘How should a human being live?’ (...) The inquire (...) is both empirical and practical: empirical, in that it is connected with, takes its ‘evidence’ from, the experience of life; practical, in that its aim is to find a conception by which human beings can live, and live together.” (p. 25) “To bring novels in the moral philosophy is not – as I understand this proposal – to bring them into some academic discipline which happens to ask ethical questions. It is to bring them into connection with our deepest practical searching, for ourselves and others, the searching in connection with which the influential philosophical conceptions of the ethical were originally developed, the search we pursue as we compare these conceptions, both one another and with our active sense of life. Or rather, it is to recognize that the novels are in this search already: to insist on and describe, the connections the novels have for readers who love them and who read, like David Copperfield, for life.” (p. 24)

⁹² NUSSBAUM, M., *Love's Knowledge*, p. 132. “It is not fortuitous that this combination of moralism and excessive simplicity is attributed to the American characters in this novel – nor that this Americans should be as resourceful in technical deliberation as they are naïve in emotional response.”

references to the happy innocence which was, as the Prince says, ‘the state of our primitive parents before the Fall’.”⁹³

O ponto de Nussbaum é que a aspiração à perfeição moral embota a capacidade de ajuizamento moral objetivo porque o estado de inocência, a ignorância do mal – e, conseqüentemente, também a ignorância do bem – torna impossível distinguir valores (e pessoas) em sua singularidade e em sua relação com o contexto no qual estão inseridos⁹⁴. Num cenário edênico, em que a inocência dá o tom harmônico de todas as coisas e de todos os seres, discriminações de ordem pessoal e contextual são supérfluas e mesmo impossíveis. Neste cenário, não existem nem mesmo pessoas e valores, como unidades distintas e singulares que se definem por sua relação umas com as outras e com um determinado contexto. Já se fez referência, na segunda seção deste capítulo, à passagem de *The Golden Bowl* em que Maggie Verver se mostra indiferente ao “eu singular” de seu noivo e, em seguida, o compara a uma peça de museu. Essa incapacidade de discriminação, singularização e contextualização dos valores pessoais de outros indivíduos tem como consequência, de acordo com Nussbaum, a estetização das pessoas. Estetizando valores pessoais que, a princípio, são valores morais, preserva-se a inocência e mantém-se protegido do conhecimento, i.e., da discriminação entre o bem e o mal. A leitura do romance de

⁹³ Ibid., p. 126.

⁹⁴ Em sua obra em ética, Adam Smith afirma que a “conveniência” (*propriety*) é o conceito-chave para compreender o mecanismo de ajuizamento moral entre os seres humanos e esvazia as categorias de vício e virtude de qualquer valor ontológico, submetendo-as a uma relativização contextualista: “(...) it is in particular instances only that the propriety or impropriety, the merit or demerit of actions is very obvious and discernible. It is only when particular examples are given that we perceive distinctly either the concord or disagreement between our own affections and those of the agent, or feel a social gratitude arise towards him in the one case, or a sympathetic resentment in the other. When we consider virtue and vice in an abstract and general manner, the qualities by which they excite these several sentiments seem in a great measure to disappear, and the sentiments themselves become less obvious and discernible”, *Teoria dos Sentimentos Morais*, VII.i.2. Vale notar que, para Martha Nussbaum, tanto a linguagem ficcional de Henry James quanto as estratégias retóricas de Adam Smith, no seu tratado em ética, são adequadas ao tratamento da questão aristotélica fundamental de “como se deve viver”. Segundo a autora, o argumento smithiano estabelece uma analogia entre o tipo de observação que permite o ajuizamento moral e a leitura de textos ficcionais: “Smith’s idea about the moral stance and his connection with that stance to the experience of the reader of fiction has had a long history (whether through direct influence or through a more general cultural dissemination) in the reflections of English novelists themselves about the moral role of their craft. I have argued elsewhere that Henry James takes a very similar view about the reader’s activity and its moral worth.”, *Love’s Knowledge*, p. 346.

James deixa claro, no entanto, que a preservação da inocência e da condição edênica é, como toda aspiração⁹⁵, irrealizável.

A interpretação de *The Golden Bowl*, que aqui se propõe, pretende mostrar que, para James, a superação do estado de edênica inocência e a tomada de consciência da tragicidade inerente à tensão entre homem e mundo constituem, ética e esteticamente, as saídas mais interessantes para os impasses da modernidade. Isso porque, para começar, James percebe muito claramente – como bom “irônico” – que a “separação da Europa” é uma falácia: o mito do Adão americano fundamenta-se na tradição puritana e, mais amplamente, na tradição judaico-cristã que marcou profundamente as relações culturais, sociais, políticas e econômicas do que, genericamente, podemos chamar de Ocidente. O Adão americano possui, ele também, uma história.

Pode-se dizer que James trata, em termos weberianos, da tensão entre indivíduo e mundo típica da ascese puritana. A maneira com que o espírito puritano da cultura nacional norte-americana é representado no romance em questão é, no entanto, muito particular. Para Weber, o puritano se crê ferramenta de um Deus transcendente e, por conseguinte, trabalha com diligência e um exacerbado autocontrole, dispondo da sua vocação e de seu saber especializado para impor ao mundo as leis divinas. A expressão “dominação racional do mundo” é contrastada, por Weber, à “adequação racional ao mundo”⁹⁶, típica do racionalismo confuciano. A ética confuciana, ética de ajustamento, de adaptação, abriga um âmbito de negociação com o mundo que se encontra ausente na ética protestante. É através da negociação que o confuciano reduz ao mínimo possível a tensão ética na sua relação com o mundo exterior. O puritano jamais negocia com a realidade mundana: ele impõe à realidade sua ordem e sua norma, que são a ordem e a norma divinas. Ele estabelece, portanto, uma relação radicalmente tensa com o mundo. Em *The Golden Bowl*, a tensão entre indivíduo e mundo não se traduz no esforço de dominação do mundo⁹⁷, mas em uma espécie de *comteptus mundi* que implica uma fuga, uma retirada (ou, talvez, seja mais apropriado dizer,

⁹⁵ Cf. LUCÀKS, G., *A Alma e as Formas*.

⁹⁶ WEBER, M., *The Religion of China*, p. 248.

⁹⁷ Em *The Bostonians*, publicado quase vinte anos antes de *The Golden Bowl*, James representa com muita acuidade o *ethos* de dominação do mundo, tal como descrito por Weber, através da personagem Olive Chancellor, em sua luta pelo radical aprofundamento dos princípios democráticos sobretudo no que se refere à igualdade entre os sexos. Miss Chancellor não busca

no caso de Maggie Verver, uma recusa de fazer parte do mundo), mais próxima à ascese monástica medieval. A tentativa de escapar do mundo – e, por conseguinte, do tempo, da história, dos vínculos sociais –, não elimina a tensão, antes a sublima, e a incapacidade de adaptação e negociação de que fala Weber, permanece. Maggie Verver – a personagem que, como vimos, representa, por excelência, a inocência do Adão americano – é incapaz, no início do romance, de estabelecer qualquer tipo de negociação com o mundo. É incapaz, até mesmo, de perceber a necessidade de negociação. Negociação implica improvisação e Maggie não pode improvisar, uma vez que o improviso pressupõe uma relação com o contingente e com o inesperado, impensáveis em um mundo idílico de valores ideais.

No início da primeira parte do romance, Fanny Assingham diz que Maggie “não nasceu para conhecer o mal.”⁹⁸ Como metáfora para uma vida feliz, Maggie escolhe a taça de ouro e cristal, arredondada, harmônica, sem imperfeições, sem protuberâncias, sem rachaduras. A felicidade que Maggie procura é, no entanto, uma felicidade idílica, uma felicidade ideal, inexistente no mundo das contingências. “Todas as famílias felizes se parecem,” diz Tolstói, na abertura de *Anna Kariênina*, “cada família infeliz é infeliz à sua maneira.”⁹⁹ O mal é sempre contingente, porquanto humano. A incapacidade de perceber a existência do mal tem como consequência a incapacidade de perceber uma versão humana, não divinizada do bem – ou, como quer Nussbaum, de perceber valores humanos.¹⁰⁰ Valores que podem e devem ser atribuídos a pessoas e sentimentos, não valores como aqueles associados a obras de arte. A recusa de Maggie em conhecer a porção individual do príncipe e a tentativa de transformar a sua porção histórica em *morceau de musée* implica uma estetização de valores que, a princípio, pertencem ao âmbito da ética. A aspiração à perfeição moral gera uma cegueira

fugir do mundo, embora o despreze, mas vergá-lo, submetê-lo sob a pressão e sua vontade e o uso de sua razão.

⁹⁸ JAMES, H., *The Golden Bowl*, p. 47.

⁹⁹ TOLSTÓI, L., *Anna Kariênina*, p. 17.

¹⁰⁰ Nussbaum, em *Love's Knowledge*, opera com a concepção aristotélica de ética, de acordo com a qual os juízos morais são sempre contingentes e tem origem na experiência vivida: “I propose, therefore, that we begin with the very simple Aristotelian idea that ethics is the search for a specification of the good life for a human being. This is a study whose aim, as Aristotle insists, is not just theoretical understanding but also practice. (...) Nor can the theoretical aims of this study be accomplished in isolation from the practical aspect, for the working-through of the alternative theoretical conceptions is itself a Socratic process, which demands the active engagement of the interlocutor's own moral intuitions and responses.”, p. 139

ética e a inocência se sustenta através da estetização de valores morais e assimilação das pessoas como obras de arte.¹⁰¹

O equilíbrio e a harmonia requeridos pela inocência são, todavia, extremamente precários. Como nota Nussbaum, “o mundo de *The Golden Bowl* é um mundo decaído, no qual a inocência não pode ser e não é preservada de forma segura.”¹⁰² A taça de ouro e cristal em que deveria estar depositada a felicidade de Maggie e daqueles que por ela são amados, possui uma rachadura, um defeito. A taça de ouro, repositório do amor e da felicidade, é um *topos* da literatura ocidental desde o Velho Testamento. James certamente conhecia os versículos do Eclesiastes, 12:6-7: “Antes que o fio de prata se afrouxe / e a taça de ouro se parta, / antes que o jarro se quebre na fonte / e a roldana rebente no poço, / antes que o pó volte à terra de onde veio / e o sopro volte a Deus que o concedeu.”¹⁰³ E, muito possivelmente, já lera os versos de William Blake: “Pode a sabedoria ser mantida em um haste de prata, ou o amor em uma Taça de Ouro?” (*Can wisdom be kept in a silver rod, or love in a Golden Bowl?*)¹⁰⁴ A resposta de James a esta pergunta é certamente negativa. Manter o amor em uma taça de ouro corresponde à tentativa de sustentá-lo sobre a base da inocência adâmica e pela integridade de um senso moral que ignora as contingências e a existência do mal. O seguinte trecho do diálogo entre Fanny Assingham e seu marido, ao fim da primeira parte do romance, aponta para a impossibilidade de preservação da inocência adâmica:

“...Maggie was the person in the world to whom a wrong thing could least be communicated. It was as if her imagination had been closed to it, her sense altogether sealed. That therefore,’ Fanny continued, ‘is what will now have to happen. Her sense will have to open.’

‘I see.’ He nodded. ‘To the wrong.’ He nodded again, almost cheerfully – as if he had been keeping the peace with a baby or a lunatic. ‘To the very, very wrong.’

¹⁰¹ É interessante notar, a esse respeito, a transformação que se dá, em pouco mais de meio século, no debate intelectual acerca da inocência do Adão americano. Em um conto de 1844, *Earth’s Holocaust*, Hawthorne escolhe como metáfora para a máxima “separação da Europa” a queima de todos os símbolos da tradição aristocrática e do passado em uma enorme fogueira. Em *The Golden Bowl*, estes símbolos são transformados em peças de uma coleção destinada a um museu nos Estados Unidos.

¹⁰² NUSSBAUM, M., *Love’s Knowledge*, p. 1992.

¹⁰³ *Bíblia de Jerusalém*. Na versão King James’s tais versículos se escrevem: “Or ever the silver cord be loosed, or the golden bowl be broken, or the pitcher be broken at the fountain, or the wheel be broken on the cistern, Then shall the dust return to the earth as it was: and the spirit shall return unto God who gave it.”

¹⁰⁴ BLAKE, W. *The Book of Thel*,

But his wife's spirit, after its effort of wing, was able to remain higher. 'To what is called Evil – with a very big E: for the first time in her life. To the discovery of it, to the knowledge of it, to the crude experience of it.' And she gave, for the possibility, the largest measure. 'To the harsh, bewildering brush, the daily chilling breath of it. Unless indeed' – and here Mrs Assingham noted a limit – 'unless indeed, as yet (so far as she has come, and if she comes no further), simply to the suspicion and the dread. What we shall see is whether that mere dose of alarm will prove enough.'

He considered. 'But enough for what then – if not enough to break her heart?'

'Enough to give her a shaking!' Mrs Assingham rather oddly replied. 'To give her, I mean, the right one. The right one won't break her heart. It will make her,' she explained – 'well, by way of a change, understand one or two things in the world.'

'But isn't it a pity,' the Colonel asked, 'that they should be the one or two that will be the most disagreeable to her?'

'Oh, "disagreeable" – ? They'll have had to be disagreeable – to show a little where she is. They'll have had to be disagreeable to make her sit up. They'll have had to be disagreeable to make her **decide to live**^{105, 106}.'

O trecho é longo, mas extremamente representativo da dimensão trágica que a inocência assume no romance. A "estupidez", diz Fanny Assingham, no final do diálogo a que pertence este trecho, "levada até certo ponto é [...] imoralidade. Da mesma forma, o que é moralidade senão aguda inteligência?"¹⁰⁷. Decidir viver é, para heroína do romance de James, comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal e, desse modo, relacionar-se com valores éticos na contingência, i.e., na história. Conhecer o mal é, para Maggie, abandonar o estado idílico e viver na história – e viver uma história. Conhecer o mal é abandonar a aspiração à perfeição moral em prol da capacidade de fazer escolhas morais – escolhas que implicam improvisação e negociação com o mundo; é, finalmente, compreender em suas atitudes, escolhas éticas, relações pessoais e juízos estéticos, uma espécie de sentido de ambiguidade.

A consciência da existência do mal toma a heroína de James, pela primeira vez, ao fim do primeiro livro de *The Golden Bowl*, quando, aos pouco, ela começa a formular, para si própria, a suspeita, ainda quase incipiente, da relação adúltera entre Charlotte e Amerigo. No início do segundo livro, esta tomada de consciência e o abalo que ela provoca na vida de Maggie, são representados pela famosa

¹⁰⁵ Grifo meu.

¹⁰⁶ JAMES, H., *The Golden Bowl*, p. 222.

imagem do pagode, que, por sua vez, representa a própria vida da heroína. Na imagem descrita por James, a situação em que Maggie se encontrava, representada pelo pagode, e que lhe parecia “praticamente inatacável”¹⁰⁸, não é senão a condição de edênica inocência. O pagode é uma “estrutura recoberta por resistente, brilhante porcelana, colorida, desenhada e adornada, nas cornijas do beiral, com sinos de prata que tilintavam, charmosamente, quando movidos por um vento ocasional.”¹⁰⁹ Se o pagode representa a inocência de Maggie, ela representa também, paradoxalmente, a perda da inocência. Ela fica “no exato centro do jardim de sua vida”¹¹⁰. A imagem é carregada de simbolismo: o pagode figura a bíblica árvore do conhecimento do bem e do mal, a árvore que carrega o fruto proibido. Maggie, durante sua vida, circundou o pagode, deu voltas e voltas, contemplando-a em sua beleza estática, sem ousar entrar. Entrar seria invadir hereticamente uma “mesquita maometana”¹¹¹, e correr o risco de, em sendo descoberta, pagar com a própria vida. Quando Maggie decide entrar, ainda que não tenha plena consciência das consequências de seu ato, é como se ela desobedecesse ao primeiro mandamento que Deus deu aos homens: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás que morrer.”¹¹²

Neste primeiro momento em que sua inocência é ameaçada, a heroína adâmica de James esforça-se ainda para preservá-la em seus atos, uma vez que é impossível preservá-la em seu espírito, pois a mera consciência da existência do mal já é suficiente para o macular. Esta consciência torna para ela ainda mais premente que seja mantido o estranho equilíbrio de forças que sustenta sua relação com os outros três personagens centrais do romance. Preservar a inocência de Adam e sua devoção filial a ele, evitar o sofrimento de Charlotte e resgatar o amor do príncipe – carregando sozinha o peso do conhecimento da face infame destas relações –, torna-se uma espécie de martírio imposto por Maggie a si mesma. A empreitada que Maggie enfrenta, da qual faz parte a tentativa de preservar, de algum modo, sua inocência e o equilíbrio de seu mundo edênico, caminha para a

¹⁰⁷ Ibid., p. 53.

¹⁰⁸ Ibid., p. 233. “practically unattackable”

¹⁰⁹ Ibid., p. 233. “a structure plated with hard, bright porcelain, coloured and figured and adorned, at the overhanging eaves, with silver bells that tinkled, ever so charmingly, when stirred by chance airs.”

¹¹⁰ Ibid., p. 233. “the very centre of the garden of her life”

¹¹¹ Ibid., 234. “a Mahometan mosque”

derrocada. É como se ela tocasse no fruto proibido, sentisse seu aroma, o tocasse com os dedos e os lábios, sem o degustar plenamente. A consciência da existência do mal no mundo varre de seu espírito uma primeira camada de inocência e permite que a personagem entre em contato com valores morais antagônicos. No entanto, a inflexibilidade moral, a recusa de perceber o mal em si mesma caracterizam ainda a personagem no processo da perda da inocência. Para manter seu casamento, recuperar o amor de Amerigo e tornar-se moralmente responsável de forma plena, a heroína precisa abrir mão, completamente, de sua inocência. Para tanto, tem de afastar seu pai de si, afastar Charlotte de sua vida conjugal, o que implica ter de usar da astúcia, da dissimulação e mesmo da mentira. Este passo decisivo, que marca, simbolicamente, sua completa retirada do Jardim do Éden, se dá apenas ao final do romance.

Na cena que fecha *The Golden Bowl*, Maggie decide fechar os olhos para o sofrimento que ela própria inflige, mas que lhe garante conservar seu casamento e sua felicidade pessoal; que lhe permite conservar o amor conjugal, não em uma taça perfeita de ouro e cristal, mas no mundo real, das relações reais entre homens e mulheres falíveis. No último diálogo do livro, Amerigo declara à Maggie que não é capaz de ver nada, ninguém senão ela própria. “E a verdade disto”, escreve James, “com sua força, depois de um momento, tão estranhamente iluminou seus olhos que, como que por pena ou medo deles, ela enterrou os seus próprios no peito dele.”¹¹³ À cegueira do amor, a heroína adâmica de James reage com a cegueira do amor. Não se trata, contudo, da cegueira inerente à amoralidade ou pré-moralidade da condição edênica, mas à suspensão do exercício da faculdade moral como resultado de uma escolha ética fundamentada em um senso moral capaz de improvisar ante as contingências. Sobre este último diálogo, Nussbaum conclui que

“Instead of being ‘finely aware and richly responsible’ we may, in fact, have to become, as lovers, grossly insensitive and careless with respect to other, incompatible claims. The mere fact of being deeply engaged forces a blindness. The moment at which Maggie finally tastes the ‘golden fruit’ is such a moment: in both sides obtuseness feeds the triumph of love.”¹¹⁴

¹¹² *Bíblia de Jerusalém*, Gn, 2:16-17.

¹¹³ *Ibid.*, p. 443. “And the truth of it,” escreve James, “with its force, after a moment, so strangely lighted his eyes that as for pity and dread of them she buried her own in his breast.”

¹¹⁴ NUSSBAUM, M., *Love’s Knowledge*, p. 136.

A decisão de fechar os olhos apenas pode ser tomada, no entanto, com os olhos bem abertos; ao fechá-los, Maggie conserva a visão interior da ambiguidade inerente à relação entre o bem e o mal.¹¹⁵

“O mundo de *The Golden Bowl* é um mundo decaído”. Em outras palavras, o mundo que James representa é o mundo que tem como símbolo o mundo pós-Queda, apresentado no livro do Gênesis, i.e., um mundo em que a integração absoluta, perfeita e natural entre a divindade e o homem deixa de existir. Tal integração é desfeita pela desobediência do homem, pela quebra da sua fé ingênua em Deus. A astúcia da serpente e a curiosidade de Eva, que induzem ao pecado original e à separação fundamental entre o homem e Deus, tornam-se, contudo, virtudes imprescindíveis para a sobrevivência neste mundo decaído. A heroína do romance de James passa, ao longo da narrativa, por um processo de amadurecimento, de abandono da condição de infantil e beatífica inocência, para aquela de adulta responsável por suas escolhas morais e consciente do elemento contingencial dessas escolhas, consciente do mal existente no mundo (e também do bem) e em si mesma, i.e., consciente de sua falibilidade. A heroína de James é, ao fim do romance, o Adão após a Queda – o Adão redimido pela Queda. É o homem que experimenta a história, nas palavras de Henry James Sr., em sua “profundidade trágica” (*out of the profoundest tragic depths*)¹¹⁶, i.e., que experimenta a história através de seus paradoxos, acasos e incidentes. É o homem que, modelado em argila por Deus, modela-se a si próprio na história. E, modelando-se, negocia com o mundo que lhe é hostil desde que deixou o jardim do Éden, mas que é, desde então, o único mundo em que lhe cabe viver.

¹¹⁵ Já se notou, neste capítulo, que a ambiguidade é um dos aspectos formais mais marcantes na literatura de Henry James. Mona Ozouf chama a atenção para o jogo de luz e sombra, para o semi-ocultamento, para a qualidade crepuscular, i.e., ambígua das intenções que implusionam as ações humanas na ficção de James: “le plus déconcertant de tout, dans les relations qui se tissent entre les personnages de James, c’est la frange indécise que sépare le vouloir du poivoir, l’ambiguïté des actions et des intentions, la vision des visages comme des disques lunaires dont seule une face est éclairée alors que l’autre reste dans l’ombre, et l’intime solidarité du bonheur et du malheur. James s’en est lui-même expliqué: ‘Il n’est de thème plus humain que ceux qui reflètent pour nous, dans la confusion de la vie, l’étroite relation du bonheur et du malheur, des chose qui aident et des chose qui blessent, médaille dure et brillante qui se balance sous nos yeux, d’un alliage très étrange et dont l’endroit représente le bon droit et le bien-être d’un individu, et l’envers la souffrance et l’injustice qu’endure un autre individu.’ Relation ambiguë, évoquée ici entre deux êtres dont l’un se repaît de l’autre [...], mais qui peut aussi fendre chaque individu en deux; car si certain personnages de James mettent très longtemps à comprendre les autres, du simple faits qu’ils sont autres, beaucoup aussi peinent à définir ce qu’ils sont vraiment, aiment vraiment et ce pour quoi ils étaient faits.” In: *La Muse Démocratique*, pp. 18-19.

2.6. Da sinceridade ou a “alma honesta”

Em seu ensaio sobre a “Nobreza”, Georg Simmel afirma que todo indivíduo, tomado empiricamente, define-se através da relação com a coletividade que integra, como resultado da combinação de fatores de ordem social e de fatores de ordem pessoal:

“Todo ser humano emerge como uma certa combinação de pré-determinação e acidente; de material recebido para sua vida e da formação única desta; da herança social e de sua administração individual. Em cada pessoa, nós vemos os estereótipos de sua raça, seu estrato, suas tradições, sua família, em suma, de tudo o que faz dela portadora de normas e conteúdos pré-existentes; nós vemos isto combinado com o incalculável e o pessoal, com livre autonomia. Os primeiros fatores são o *a priori*, por assim dizer, e os últimos são o dado singular, os quais se combinam para produzir o fenômeno empírico. Ambos são misturados diversamente na construção dos grandes tipos sociais”.¹¹⁷

Duas das múltiplas possibilidades de síntese entre “herança social” e “sua administração individual” estão manifestas, na obra de Henry James, nas alegorias do “Adão *antes* da Queda” e do “Adão *depois* da Queda”. A maneira pela qual James representa este último o associa a um tipo de síntese entre o “eu singular” e os padrões coletivos, que constitui um termo médio entre o extremo de uma individualidade que é plenamente definida por sua interioridade e o extremo de uma individualidade que é inteiramente subsumida à “herança social”, aos *a priori*.

Já a representação do tipo de individualidade do Adão edênico e do *ethos* democrático – particularmente nos Estados Unidos – é problemática na medida em que tal síntese não se realiza plenamente. Ou melhor, a síntese é esvaziada de seu caráter empírico. Isso porque no individualismo típico da democracia norte-americana, tal como ela é representada na literatura do século XIX, os elementos

¹¹⁶ JAMES Sr., H., *apud* LEWIS, R. W. B., *The American Adam*, p. 58.

¹¹⁷ SIMMEL, G., *On Individuality and Social Forms*, p. 212. Traduzido da versão em inglês, a qual foi traduzida do original em alemão por Richard P. Albares: “Every human being emerges as a certain combination of predetermination and accident; of received material for, and unique formation of, his life; of social inheritance and individual administration of it. In each person, we see the stereotypings of his race, his stratum, his traditions, his family, in brief, of everything that makes him a bearer of preexisting contents and norms; we see this combined with the incalculable and the personal, with free autonomy. The earlier factors are the *a priori*, as it were, and the latter are the singular givenness, which combine to produce the empirical phenomenon. Both are diversely mixed in the great social construction types.”

que constituem a “herança social” são apresentados como um conjunto de valores abstratos e universais cuja relação com uma determinada tradição histórica é bastante vaga. E tal herança não funciona, neste caso, como um meio de modelagem subjetiva na direção de uma forma singular. Ao contrário: ela pretende garantir, de modo imediato, a singularidade individual; ela é, finalmente, imposta ao mundo pelo indivíduo, como instrumento para conquistá-lo, para dobrá-lo à sua vontade. O Adão edênico é o símbolo mítico de figuras históricas como colonizador puritano do século XVII que, amparado na graça divina, pretendia transformar a *wilderness* da costa leste da América do Norte na nova Jerusalém terrestre¹¹⁸; ou como o conquistador do Oeste americano, no século XIX, que ao desbravar e conquistar esta nova *wilderness*, territorializava o mito americano.¹¹⁹ Ambos essencializam os valores apriorísticos herdados e ambos pretendem impor ao mundo esse conjunto de valores fixos, essenciais e universais.

Assim, as representações literárias do indivíduo americano, enquanto tipo social/nacional, simbolizado pelo clássico Adão americano, o “Adão *antes* da Queda”, são marcadas pela abstração e quase completa sublimação de traços singulares. Talvez, aí, se encontre a chave para compreender a relação de James com a tradição literária norte-americana. A análise dos ensaios críticos sobre homens de letras seus contemporâneos e da pequena biografia de Nathaniel Hawthorne deixa patente o ceticismo de James quanto à possibilidade de se fazer do “Grande Indivíduo Democrático”¹²⁰ um personagem romanesco com densidade e especificidade suficientes. A crítica de James à poesia épica de Walt Whitman e ao romantismo humanista de Ralph Waldo Emerson se manifesta na pouca simpatia que dispensa a esse Homem abstrato, impessoal e universal que é o herói da democracia americana. Esse herói é um homem sem passado que, portanto, possui pouco interesse literário para o nosso autor, cujas preferências de ordem estética apontam para paisagens tocadas e transformadas pelo tempo, pela história que delas faz um palimpsesto de tradições. James se interessa, como se viu, pelo ser moral, autor do pecado original, guiado por seu amor-próprio, culpado,

¹¹⁸ Cf., Para o tema da conquista na colonização puritana da América do norte, ver WILLIAMS, G. H., *Wilderness and paradise in Christian thought* e WEGNER, América, alegria dos homens: uma leitura de *Visão do Paraíso* e de *Wilderness and Paradise in Christian Thought*.

¹¹⁹ Cf., Para a adaptação do mito norte-americano na fundamentação da conquista do oeste, no século XIX, ver SMITH, H. N., *Virgin Land*.

¹²⁰ OZOUF, M., *La Muse Démocratique*, p. 47.

maculado e, enfim, redimido. Em outras palavras, interessa-se pela figura alegórica do “Adão *depois* da Queda”.

Estes dois “tipos adâmicos” indicam duas formas distintas de modelagem subjetiva e, com isso, duas formas de estabelecer o nexo entre a interioridade e o mundo exterior, entre o que Simmel chama de “cultura subjetiva” e a “cultura objetiva”. Segundo Simmel, o conceito de cultura apresenta-se em uma dupla forma, vale dizer, na interação de “duas formas” de cultura. A “cultura subjetiva” representa o nível de desenvolvimento, de cultivo da subjetividade de cada indivíduo, ao contato com a “cultura objetiva”. Esta é constituída por objetos exteriores à subjetividade – os valores morais e estéticos, as tradições históricas, a técnica e seus produtos – que, ao interagirem com a subjetividade de um indivíduo contribuem para o seu cultivo, i.e., para o desenvolvimento de sua cultura subjetiva. Simmel adverte o leitor, no entanto, para o fato de que os dois “tipos” de cultura não são análogos, visto que enquanto a cultura objetiva é em grande medida autônoma, independente em relação à “cultura subjetiva”, esta última depende daquela para se desenvolver, para seu cultivo. “Cultivo”, diz Simmel, “é certamente um estado da alma, mas aquele que é alcançado por meio do uso de *objetos* criados para esse fim.”¹²¹ Daí ele conclui que o fim de toda cultura é a cultura subjetiva, seu desenvolvimento. Ao contrário do que pretendem as acepções mais corriqueiras de cultura, para Simmel, não são os objetos exteriores que são cultivados pelo sujeito, mas, ao contrário, o sujeito que é cultivado ao interagir com a cultura objetiva.

A noção simmeliana de cultivo é extremamente interessante para que possamos melhor compreender o significado alegórico que Henry James atribui ao evento bíblico da Queda. A Queda abre para o homem a possibilidade do *cultivo* de sua subjetividade, ao introduzi-lo no âmbito da experiência. É na experiência que o indivíduo interage com os objetos que são exteriores à sua subjetividade, i.e., com a cultura objetiva e, conseqüentemente, cultiva-se. Poderíamos dizer que aquelas duas categorias que tanto despertam o interesse de James, o senso moral e a sensibilidade estética, integram a cultura subjetiva de cada indivíduo e das coletividades. Tanto o senso moral quanto a sensibilidade estética desenvolvem-se

¹²¹ SIMMEL, G., *On Individuality and Social Forms*, p. 230. Traduzido da versão em inglês, a qual foi traduzida do original em alemão por Roberta Ash. “Cultivation is certainly a state of the soul, but one that is reached only by means of the use of purposely created *objects*.”

ao interagirem com alguns elementos que fazem parte da cultura objetiva, como os valores de ordem ética e estética e com as formas de sociabilidade, constituídos historicamente.

O amadurecimento do senso moral e o refinamento da sensibilidade estética constituem, para James, as formas supremas de cultivo da subjetividade. Portanto, o “Adão *depois* da Queda” representa simbolicamente o indivíduo cultivado, ou melhor, o indivíduo que se cultiva constantemente. Ao “Adão depois de Queda”, em sua relação com o mundo para o qual foi expulso em função de sua desobediência original, pode ser atribuído o sentido forte do conceito de cultura. Já o clássico Adão americano, em sua inocência edênica, pode ser associado a uma acepção mais comum de cultura que, segundo Simmel, inverte o sentido do vínculo entre cultura subjetiva e cultura objetiva; inverte, assim, o sentido mesmo da noção de cultivo. Pois o Adão edênico opera com uma concepção essencializada de cultura. Os valores que formam sua “cultura” subjetiva são valores essenciais e universais, os quais não podem ser submetidos ao cultivo, à influência dos objetos que compõem a cultura objetiva. Esta sim é que deve ser cultivada sob a influência e a ação do indivíduo e de seus valores essenciais, invertendo-se, assim, o sentido da concepção simmeliana de cultivo. O Adão americano clássico não é cultivado; ele cultiva. Toda a ênfase de sua existência e suas ações volta-se para o exterior, no sentido da transformação e da conquista do mundo. Enquanto que o herói jamesiano, o “Adão *depois* da Queda”, tem toda sua existência voltada para o interior, para o cultivo de sua subjetividade. Se pensarmos na interpretação que James propõe do mito adâmico, em *The Golden Bowl*, podemos afirmar que, a partir da segunda metade do romance, quando Maggie Verver experimenta a existência do mal, ela inicia um processo de cultivo de sua subjetividade, de desenvolvimento de sua cultura subjetiva, ao interagir com o mundo exterior e ter experiências mundanas.

* * *

No início deste capítulo, se disse que a análise de *The Golden Bowl* permitiria destacar os dois modelos, correspondentes a dois *ethos* distintos, com os quais James opera, em *The American Scene*, na análise cultural da sociedade americana da virada do século XIX para o XX. O modelo a que se chamou,

genericamente, de europeu é representado, no romance, pela figura do príncipe italiano Amerigo e sua relação com o mundo social de que faz parte. Neste modelo, a “herança social” tem preeminência sobre os “dados singulares”, na formação do indivíduo empírico. Por mais que o príncipe anseie por reinos sem história, pelo reconhecimento de seu eu singular, é a herança social de seus antepassados que o define como indivíduo. O modelo norte-americano e o *ethos* da democracia americana fundamentam-se em uma relação entre indivíduo e sociedade, em que aquele procura manter-se autônomo em relação a esta, em que a “herança”, o *a priori*, é menos um conjunto de valores sociais e mais um conjunto de essências universais que constituem, de forma imediata, os “dados singulares” de cada indivíduo que, por sua vez, é bastante autônomo em relação ao mundo social. O símbolo de tal autonomia é a condição de adâmica inocência. A trama da qual Maggie Verver é a personagem central é uma alegoria de tal condição e do *ethos* que lhe corresponde.

No desfecho da trama, todavia, Maggie é capaz de abandonar o infantilizado estado de inocência, abrir mão da simplicidade e da aspiração à perfeição moral que caracterizam suas relações com aqueles que estão a sua volta, abrir os olhos para o bem e o mal existente no mundo e a complexidade das relações estéticas e éticas entre pessoas e coisas e entre pessoas e pessoas. Ao fazê-lo, Maggie percebe que, enquanto Amerigo permanece em um lugar fixo, imutável, “um lugar preparado para ele de antemão”¹²², o seu próprio lugar no mundo é marcado pelo imprevisto, pela mutabilidade, por uma inerente qualidade evolutiva. Maggie, ao fim de *The Golden Bowl*, é o Adão decaído e redimido.

Esse indivíduo mutável, em constante evolução, em constante devir, que James apresenta ao fim do romance, e que constitui o modelo de individualidade que James considera o mais interessante e salutar para orientar a relação entre indivíduo e sociedade, na modernidade, não é nem o modelo de individualidade europeu, nem o norte-americano, ambos fixos, imutáveis. O tipo ideal de indivíduo moderno que James exalta não é, segundo Ross Posnock, inteligível a partir de códigos, normas e condutas previamente fixados. Porém, também não pode ser apreendido em um mundo que exclui as formas (de códigos, normas e condutas) em favor das essências – um mundo em que o senso moral e as escolhas

¹²² JAMES, H., *The Golden Bowl*, p. 222.

éticas são desencarnados. Referindo-se às passagens finais de *The Golden Bowl*, Posnock afirma:

“What these passages disclose are characters’ movements beyond the conventional codes that impose intelligibility upon individual behavior. James’s late work is concerned not simply to celebrate these figures of illegibility, as might a Whitman or an Emerson, but to socialize them. James does so by redirecting their energy toward a social order whose demands for legibility might be then challenged and modified. Thus relaxed, democratic psyches and social structures might be shaped by less coercive mappings.”¹²³

A observação de Posnock e a análise de *The Golden Bowl* permitem entrever a proposta de James para a relação entre indivíduo e sociedade em seu tempo. Uma proposta que não pretende de modo algum a reprodução da experiência inglesa, mas que nela se inspira. Uma proposta de acordo com a qual a sociedade democrática deve abrigar espaços, perspectivas, situações aristocratizantes. Uma proposta que quer a substituição da inocência pela sinceridade.

O conceito de sinceridade, na acepção que o refere à relação entre indivíduo e sociedade, e sua história na literatura ocidental foram ampla e profundamente estudados por Lionel Trilling, no livro *Sincerity and Authenticity*. Segundo este autor, o conceito de sinceridade se torna fundamental na cultura europeia a partir da Época Moderna. Ele é forjado concomitantemente a e em relação aos modernos conceitos de sociedade e de indivíduo. Ser sincero, na modernidade, é ser verdadeiro em relação, simultaneamente, a si mesmo (ao seu “eu” individual) e ao mundo social a que se pertence.

A partir do século XVIII, entretanto, com a reorganização da relação entre as esferas pública e privada – e, poder-se-ia acrescentar, recorrendo mais uma vez a Tocqueville, com o surgimento dos primeiros sinais da irresistível e universal revolução democrática – a unidade entre os dois aspectos da sinceridade é quebrada. Ser sincero em relação à ordem social a que se pertence não é mais condição para ser sincero a si mesmo. Para alguns, passa a ser considerado um impedimento. A sociedade é apresentada, em parte da literatura e da filosofia europeias, a partir do século XVIII, como corruptora do caráter do indivíduo, de sua capacidade de ser sincero consigo próprio, i.e., de ser *autêntico*. A própria

¹²³ POSNOCK, R., *The Trial of Curiosity*, p. 3.

possibilidade de haver divórcio ou contradição entre as crenças e ideias às quais um indivíduo é devoto, privadamente, e aquelas que ele assume publicamente¹²⁴ passa a ser tomada como altamente problemática.

Na literatura inglesa do século XIX, todavia, o conceito de sinceridade, em seu duplo significado, é reelaborado de modo a se adequar ao conceito de autenticidade. Para Trilling, há, entre os ingleses, a ideia de que existe um Dever (social) categórico ao qual o indivíduo deve se submeter para preservar a própria autenticidade.

“(...) plainly this was the implicit belief of the English novelists of the nineteenth century. They would all of them appear to be in agreement that the person who accepts his situation, whatever it may be, as given and necessary condition of his life will be sincere beyond question. He will be sincere *and* authentic, sincere *because* authentic. Indeed, the novelists understand class to be a chief condition of personal authenticity; it is their assumption that the individual who accepts what a rubric of the Anglican catechism calls his 'station and its duties' is pretty sure to have a quality of integral selfhood [...] a man is what he is by virtue of his class membership. His sentiment of being, his awareness of his discrete and personal existence, derives from his sentiment of class. And the converse was also true. The novelists gave judicious approval to upward social mobility so far as it could be achieved by energy and talent and without loss of probity. But they mercilessly scrutinized those of their characters who were ambitious to rise in the world, vigilant for signs of such weakening of the fabric of personal authenticity as might follow from the abandonment of an original class position. It was their presumption that such weakening was likely to occur; the names given to its evidences, to the indication of diminished authenticity, were snobbery and vulgarity.”¹²⁵

A ideia de que a integridade do *self* de um indivíduo depende do sentido de conveniência (*propriety*), de adequação concernente à sua posição social é, ao mesmo tempo, uma reelaboração e uma ampliação, para o conjunto da sociedade, da relação entre a aristocracia e seu lugar social. A figura do *gentleman* inglês é, talvez, a melhor representação desta difusão por toda a sociedade da natureza aristocrática da relação entre o indivíduo e o mundo social. Vale a pena observar que a categoria *gentleman*, na literatura inglesa do dezenove, é muito mais ampla e flexível que a sua correspondente na língua francesa. O *gentil homme* pertence a um estrato social específico, enquanto que ser *gentleman* é antes aderir a um modo de ser social – aristocrático – do que pertencer à nobreza de sangue. “Quem não foi um *gentleman* no coração”, diz Dickens, “jamais foi um *gentleman* nas

¹²⁴ Cf. KOSELLECK, R., *Crítica e Crise*.

¹²⁵ TRILLING, L., *Sincerity and Authenticity*, pp. 114-115.

maneiras. (...) Nenhum verniz pode esconder o veio na madeira; e quanto mais verniz se coloca, mais o veio se torna visível.”¹²⁶ Dickens toca aqui na tecla da autenticidade. No mundo de Dickens, porém, a sinceridade é condição de possibilidade para a autenticidade. A ênfase condicional da frase poderia, portanto, ser facilmente invertida: quem não é um *gentleman* nas maneiras não foi, jamais, um *gentleman* no coração. Para usar os termos do título do ensaio de Yvor Winters, discutido na segunda seção deste capítulo, a relação da moral (*morals*) com as maneiras (*manners*), segundo o princípio inglês da sinceridade, é uma relação de reciprocidade. Mais do que isso, as maneiras e o senso moral de um indivíduo se fundem na moralidade, sob o mesmo princípio que rege a administração dos dados singulares e individuais pela herança social.

Tomando como referencial a literatura do século XIX inglês e sua fusão dos conceitos de sinceridade e autenticidade, e apresentando como contraponto a literatura norte-americana do século XIX, poder-se-ia dizer, ampliando o argumento de Trilling, que a categoria oposta à sinceridade não é a autenticidade, mas a inocência, tal como representada no mito do Adão americano. O próprio Trilling cita Henry James, ao clivar a sinceridade (à inglesa) e a inocência, como uma forma muito peculiar de sinceridade (à americana).

“Henry James is not simple on the subject of anything that has to do with Americans, but the general tendency of his work would seem to confirm the opinion which once prevailed – how curious it now seems! – that Americans, being wholly innocent, were wholly sincere, that American sincerity was as certified as that of children, peasants and nineteenth-century dogs.”¹²⁷

O tema emersoniano da criança como representante da inocência que deve caracterizar o indivíduo, na sociedade democrática, tema retomado, em *The Golden Bowl*, na caracterização da personagem de Maggie Verver, no início do romance, surge aqui na observação de Trilling sobre a obra de James. A inocência infantil e mesmo bruta do “Adão *antes* da Queda”, entretanto, muito difere da sinceridade que caracteriza a relação entre indivíduo e sociedade na experiência inglesa. A sinceridade inglesa é fundada na esfera do social. A inocência americana, adâmica, como diria James Sr., é pré-social. A inocência adâmica faz

¹²⁶ DICKENS, C., *Great Expectations*, p. 208. “no man who was not a true gentleman at heart, ever was, since the world began, a true gentleman in manner. (...) no varnish can hide the grain of the wood; and that the more varnish you put on, the more the grain expresses itself.”

par, também, com a autenticidade. A autenticidade é, entretanto, neste caso, concebida como a qualidade expressa pela fidelidade o indivíduo a si mesmo – qualidade corrompida pela influência da sociedade. A sinceridade inglesa e a inocência americana, bem como as respectivas concepções de autenticidade, remetem a dois modos de configuração do *self*, aos quais Trilling alude por meio das categorias hegelianas de “alma honesta” e “consciência desintegrada”.

“Americans, we might say – D. H. Lawrence did in fact say it fifty years ago – had moved into that historical stage of Spirit which produces the ‘disintegrated’ or ‘alienated’ consciousness. What defines this consciousness, according to Hegel, is its antagonism to ‘the external power of society’, the wish to be free of imposed social circumstances. The English belonged to an earlier historical development, in which Spirit manifests itself as the ‘honest soul’ whose relation to society is one of ‘obedient service’ and ‘inner reverence’. As Hegel represents the ‘disintegrated consciousness’ it is beyond considerations of sincerity. But the ‘honest soul’ has sincerity as its essence. [...] The English sincerity depends upon the English class structure.”¹²⁸

A citação toca em alguns pontos que vale a pena desenvolver. As categorias hegelianas são retiradas do comentário de Hegel ao texto de Diderot, *Le Neveu de Rameau*. O texto tem a forma de um diálogo entre o sobrinho do famoso compositor francês Jean-Philippe Rameau e o próprio Diderot. Também compositor, o sobrinho é relegado ao ostracismo, enquanto seu tio recebe todos os louros da fama. A relação dialética entre o insucesso na carreira e a constante busca de sucesso, a qual, além de uma exacerbada disciplina, leva o sobrinho a desenvolver a habilidade de mimetizar os papéis sociais que podem lhe ser úteis na conquista de benefícios para sua carreira, o leva também a formar um duro juízo sobre a noção mesma de sociedade. A sociedade é vista, pelo sobrinho, como corruptora das virtudes humanas e como “uma mera representação histriônica” em que “todo homem toma uma ou outra ‘posição’ na coreografia que a sociedade dirige”¹²⁹. Esta crítica, que se afina com a dos moralistas franceses de cem anos antes, e se fundamenta em uma concepção agostiniana de virtude, não percebe a sinceridade como base das relações em sociedade, mas toma esta como essencialmente insincera.

¹²⁷ Ibid., p. 112.

¹²⁸ Ibid., p. 114.

¹²⁹ Ibid., p. 30. “a mere histrionic representation”; “every man takes one or another ‘position’ as the choreography of society directs.”

A crítica à corrupção social do senso moral individual não é, como se viu, estranha a James. Ao contrário, ele é o autor mesmo desta crítica, na grande maioria de seus romances, ao criar personagens cujo senso moral é corrompido no processo de europeização, i.e., de sociabilização.¹³⁰ No entanto, o que sobressai nos textos de James é o *ideal* de relações sociais construídas sobre a base da sinceridade, da perfeita adequação entre senso moral e moralidade, entre moral e maneiras, entre a pessoa e seu lugar social. Nesse sentido, James se aproxima mais dos escritores ingleses do dezenove do que dos moralistas franceses do dezessete. O que nos leva a uma segunda questão presente no trecho de Trilling, a qual se relaciona com a afirmação de que a sinceridade inglesa se fundamenta no sistema de classes da estrutura social inglesa.

O rasgado elogio que James faz a esta estrutura social e seu fundamento tradicional secular aponta para a comparação entre uma sociedade em que a individualidade é formada como a “alma honesta” – que, de acordo com Hegel, tem uma relação de natureza nobre como o “poder externo da sociedade” – e uma individualidade que é “consciência desintegrada”, cuja relação com o externo poder social é uma relação de antagonismo. Na compilação de relatos de viagem à Inglaterra, *English Hours*, James insiste que o “plano hierárquico da sociedade inglesa”¹³¹ é percebido, pelo viajante, nos mais insignificantes e cotidianos detalhes do modo de viver entre os ingleses. O “plano hierárquico” é a pedra basilar de uma “sociedade antiga”, uma sociedade marcada, acima de tudo, por sua “identidade histórica”.¹³² A grandeza da Inglaterra consiste, para James, em última análise, na sua capacidade de *fazer* algo simultaneamente característico e inesperado. E é essa capacidade que encanta, “romanticamente”, todo americano que “remonta, através do rio do tempo, à nascente daquilo a que se mantém leal.”¹³³ A sociedade inglesa possui uma densidade e uma impermeabilidade, mas também uma flexibilidade de que carece a sociedade americana. A sociedade inglesa não é endurecida por um conjunto fixo de valores que compõem sua herança social. Esta herança, ainda que mantendo um vínculo com a tradição, é plástica e, portanto, pode modelar-se de acordo com as novas circunstâncias, que

¹³⁰ *The Awkward Age*, de 1899, é o romance em que crítica é apresentada em sua forma mais pungente.

¹³¹ JAMES, H., *English Hours* apud. *The Portable Henry James*, p. 334.

¹³² *Ibid.*, p. 337.

¹³³ *Ibid.*, p. 341.

se apresentam à medida que o tempo passa. Segundo Trilling, em acordo com alguns de seus coetâneos e conterrâneos, Henry James define a sociedade americana, em comparação com a inglesa, como ‘thinly composed’, “carente da espessa, áspera realidade de que o romancista, tal como ele existia no seu tempo, necessitava para a prática do seu ofício. Ela não lhe oferecia o material palpável, a *substância* (*stuff*), da qual os romances são feitos.”¹³⁴

Todavia, a análise dos relatos que compõem *The American Scene*, permite uma interpretação um pouco distinta da “falta de substância” da cultura nacional norte-americana. Tal falta de substância que a caracteriza é acompanhada pela capacidade de absorver traços de outras culturas nacionais e, sobretudo, por criar espaços sociais concretos em que são reproduzidas a densidade e a impermeabilidade da sociedade inglesa.

¹³⁴ Ibid., p. 113. “lacking the thick, coarse actuality which the novelist, as he existed in their day, needed for the practice of his craft. It did not offer him the palpable material, the *stuff*, out of which novels were made.”